

PERCEPÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS: ESTEREÓTIPOS SEXUAIS NA PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA¹

MARÍLIA GRACIANO *, TERESA R. N. DA SILVA *, ELZA L. GUARIDO *

RESUMO

O artigo relata os resultados de um estudo exploratório sobre percepção social em crianças, de ambos os sexos e de três grupos etários (5, 7 e 9 anos). Foram testadas 180 crianças, de várias escolas particulares de São Paulo, através de um instrumento (TPS) no qual bonecos representando a família da criança são classificados em várias dimensões, tais como força e atividade. Os resultados mostram que as crianças progressivamente incorporam às suas percepções os estereótipos culturais a respeito dos papéis masculinos e femininos. Os estereótipos também afetam substancialmente o desenvolvimento do auto-conceito de meninos e meninas.

ABSTRACT

The article presents the results of an exploratory study on children's social perception. Subjects were 180 children of both sexes and three age groups (5, 7 and 9 years old), from various private schools of São Paulo. They were tested through an instrument (TPS) in which dolls representing the children's family are classified in two groups, according to certain dimension like strength and activity. Results show that children progressively incorporate in their perception the cultural stereotypes about masculine and feminine roles. Stereotypes also affect the development of girls and boys' self-concepts.

A identidade sexual, definida como o conjunto de características psicológicas associadas ao sexo do indivíduo, aparece desde muito cedo no auto-conceito da criança. Segundo Kohlberg (1966) entre três e cinco anos a criança estabelece de forma irreversível sua identidade sexual, a qual passa a ser um dos aspectos centrais de seu auto-conceito.

É bastante difícil definir quando e como a identidade sexual começa a se estabelecer, mas sabe-se com certeza que ela é muito influenciada pelas primeiras relações da criança com sua família nuclear e particularmente com as figuras parentais. Através destas relações a criança começa a ser ensinada a assumir o papel que a sociedade define como adequado para seu sexo.

Assim, manifestações emocionais e comportamentais diferentes são aprendidas desde cedo por meninos e meninas, através do processo de socialização dentro da família.

Em decorrência desta aprendizagem, que imprime marcas profundas, homens e mulheres adultos em uma cultura apresentam características diferenciais relativamente estáveis que são consideradas "típicas" de seu sexo. No entanto, tais características em geral não têm qualquer fundamento biológico: sua frequência apenas reflete a internalização pelos indivíduos dos padrões culturais vigentes.

Um exemplo bastante claro deste fato é a ocorrência do medo do sucesso em mulheres norte-americanas. Como mostra Carmen Barroso, em seu artigo sobre "Diferenças Sexuais" publicado neste *Caderno*, vários estudos sugerem que mulheres capazes e com alta moti-

vação são ambivalentes quanto a seus objetivos profissionais devido ao medo do que lhes possa sobrevir caso tenham sucesso. "Este medo não é mais que a internalização dos estereótipos sociais dominantes, segundo os quais a feminilidade e competência são objetivos desejáveis mas mutuamente exclusivos" (Barroso, neste *Caderno*, p. 49).

A socialização se processa de diversas maneiras, sendo mais evidente o reforçamento direto dos comportamentos exibidos pelas crianças: meninos e meninas são positivamente reforçados pela conformação aos papéis sexuais adequados e punidos por quaisquer tentativas de desvio. Reforços e punições são recebidos não apenas das figuras parentais e familiares mas também do círculo social mais amplo freqüentado pelas crianças, incluindo-se nele a escola e o grupo de amigos da mesma idade.

Além do reforçamento direto, a sociedade atual possui mecanismos sutis e eficientes para impor normas e valores que compõem a ideologia dominante, através das imagens estereotipadas que são reproduzidas e valorizadas pelos meios de comunicação de massa. Em termos do papel sexual em nossa cultura, tais imagens incluem a mulher pouco inteligente, prestativa, carinhosa, fraca e submissa, voltada para o lar; o homem capaz, inteligente, forte, trabalhador, totalmente desvinculado das tarefas ou responsabilidades domésticas.

As crianças, inevitavelmente expostas a estas imagens, logo aprendem a valorizá-las. O fato de ver na televisão, no rádio e nos livros de estória, uma figura de mulher sempre passiva e dedicada, oposta à do homem, sempre ativo e dominante, faz com que meninas e meninos aprendam, valorizem e internalizem essas atitudes como parte de seu papel sexual.

Vê-se, então, que a identidade sexual é progressivamente moldada pela cultura, que determina os comportamentos e atitudes "típicos" de cada sexo. Assim, a criança passa da constatação e aceitação emocional do dado biológico (na medida em que se percebe e se

¹ As autoras agradecem à Fundação Carlos Chagas, que financiou este estudo, e às pessoas que contribuíram de maneira especial para sua realização. A Raquel Namó e Marli Loft Hollo, pelo excelente trabalho como entrevistadoras; à Miriam Bizocchi, Carmen Barroso e Bernardete A. Gatti, pela assessoria na análise dos dados.

* da Fundação Carlos Chagas.

aceita como de um ou de outro sexo), à aquisição de normas culturais que determinam e limitam o repertório de reações do ser humano (homem não chora, mulher não é agressiva, etc.).

A aprendizagem destas normas se dá, como demonstrou Bandura (1969) através da observação e imitação de modelos. Sabe-se que, independentemente da ocorrência de reforços, diretos ou indiretos, as características valorativas do modelo são essenciais para que a criança preste atenção e imite seus comportamentos. Entre as teorias que já foram desenvolvidas a este respeito incluem-se a de Mowrer (1950, 1960), segundo a qual imitação ocorre em relação a modelos que gratificam a criança, satisfazendo suas necessidades primárias. Neste sentido, o modelo preferencial de imitação, tanto para meninos como para meninas de nossa cultura, seria a mãe. Em oposição a esta teoria, Mussen e Distler (1969) propuseram, com base em observações empíricas, que os modelos mais imitados são os que possuem poder social, definido como a capacidade de manipular reforços positivos e negativos. Neste sentido, o modelo preferencial de imitação, para a maioria de meninos e meninas de nossa cultura, seria o pai. Formulando uma terceira hipótese, Whiting (1969) afirmou que o modelo mais imitado é aquele que é invejado pela criança: na situação em que pai e menino (ou mãe e menina) competem pelo amor e atenção maternas (ou paternas) a criança inveja as gratificações que o pai (ou mãe) recebe, identificando-se com ele (ou ela).

Estas são apenas algumas das hipóteses existentes sobre os determinantes dos processos de imitação e identificação. Sendo inteiramente contraditórias, não devem ser consideradas como mutuamente exclusivas e são indicativas de que várias características psicológicas e sociais dos modelos, tais como a afetividade e o poder, parecem ser muito importantes na determinação destes processos. Pode-se deduzir então que as figuras parentais são modelos privilegiados de imitação, devido ao afeto e poder social que manifestam em suas relações com a criança.

Uma das questões fundamentais para melhor compreensão dos processos de imitação e identificação é a de como as crianças percebem seus modelos. O problema, no entanto, não tem recebido muita atenção por parte dos estudiosos que ainda relegam a segundo plano a investigação sobre percepção social em crianças, embora reconheçam seu papel determinante na escolha de modelos para imitação.

Livesley e Bromley (1973), em um dos poucos estudos existentes sobre percepção de pessoas em crianças, comentam que: "não há nenhuma análise sistemática da concepção que as crianças têm do comportamento e personalidade humanos comparável ao estudo de seus conceitos sobre o mundo físico, o espaço, o número e a causalidade" (p. 53). Não obstante, a formação de conceitos sobre pessoas é um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento cognitivo da criança e da sua interação com o mundo social.

O presente estudo foi delineado visando, como primeiro passo para a compreensão do processo de aquisição da identidade sexual, estudar a percepção que crianças dos dois sexos têm de seus modelos familiares. Escolheu-se como objeto de estudo as figuras parentais por serem, como já se viu, modelos privilegiados de identificação e imitação. Introduziram-se também as figuras de irmãos de diferentes idades, além do próprio sujeito, para que se auto-conceituasse. O objetivo era traçar perfis comparativos dos diferentes membros da família nuclear, conforme percebido pelos sujeitos, e verificar como estas percepções evoluem em função da idade. Para tanto, selecionaram-se três grupos etários (5, 7 e 9 anos) representativos de uma fase do desenvolvimento em que ocorrem mudanças rápidas e significativas nas crianças, tanto no aspecto cognitivo como social e afetivo. Procurou-se, também, explorar a influência do tamanho da família nas percepções da criança, através da inclusão, na amostra, de crianças com um, dois e três irmãos. Essas diretrizes gerais do estudo não se fundamentaram em justificativas teóricas uma vez que o assunto é praticamente inexplorado, não se podendo levantar hipóteses a priori.

O trabalho em campo

A pesquisa foi realizada em escolas particulares da cidade de São Paulo, devido à necessidade de incluir na amostra crianças que ainda estivessem na pré-escola. Sendo desejável que crianças das três faixas etárias proviessem das mesmas escolas, não foi possível realizar o estudo em escolas públicas as quais ou só possuem classes a partir da primeira série, ou são parques infantis com características demográficas e estruturais bastante específicas.

As escolas foram aleatoriamente escolhidas entre uma relação de escolas particulares da cidade de São Paulo, fornecida pela Secretaria Estadual da Educação. Foram sorteadas cinco escolas em cada um dos 14 distritos escolares da Capital e, entre as escolas de um mesmo distrito, uma ordem de visitas: no caso de a administração da primeira escola sorteada ter-se recusado a colaborar com as pesquisadoras, a segunda escola foi visitada e assim sucessivamente, até obter-se autorização de 14 escolas, uma em cada distrito escolar².

2 A coleta de dados, tanto em fase de pré-teste como durante o trabalho em campo, foi realizada nas seguintes escolas: Escola Lumen; Colégio Nuno de Andrade; Escolinha da Monica; Colégio Friburgo; Te-Arte; Escola de Primeiro Grau Espírito Santo; Escola de Educação Infantil e de Primeiro Grau "O Pardalzinho"; Escola de Primeiro e Segundo Graus Hebraico-Brasileira Renascença; Externato Vieira de Moraes; Escola Pinguinho de Gente; Instituto Madre Mazzarello; Escola União; Externato Nossa Senhora do Sagrado Coração; Colégio Paroquial São Paulo do Belém; Comunidade da Igreja Católica Apostólica Hebraica do Brasil. A todas as pessoas que nestas escolas contribuíram direta ou indiretamente para nosso trabalho, agradecemos sinceramente.

A receptividade dos diretores das escolas sorteadas foi extremamente variada. Em algumas escolas a aceitação da pesquisa foi imediata e houve irrestrita colaboração por parte do pessoal administrativo. Em outras, houve necessidade de várias visitas a fim de se obter aprovação para a realização do estudo e os entraves burocráticos foram maiores.

Obtida autorização dos diretores, realizou-se um levantamento nos arquivos de todas as escolas a fim de se selecionar a população de alunos que satisfizessem os seguintes requisitos:

- a) Faixa etária: crianças que tivessem 5, 7 ou 9 anos de idade, permitindo-se uma variação de até 6 meses a mais ou a menos que a idade definida.
- b) Composição familiar: crianças com 1, 2 ou 3 irmãos, sendo pelo menos um dos irmãos de sexo oposto ao do sujeito. Assim, foram excluídas as crianças que eram filhos únicos ou que tivessem só irmãos do mesmo sexo que o seu. Foram também excluídos os filhos de pais viúvos ou desquitados, pois o objetivo do estudo era incluir crianças de família nuclear completa.

A partir deste levantamento, duas entre as quatorze escolas sorteadas foram eliminadas por não possuírem alunos que se enquadrassem nos requisitos propostos. Restaram portanto 12 escolas, nas quais foram relacionados os nomes de cerca de 700 crianças que satisfaziam as condições para o estudo.

Aos pais destas crianças foi enviada uma carta explicando os objetivos da pesquisa e solicitando sua autorização para a participação do (a) filho (a) como sujeito. Anexa à carta estava uma ficha de informações na qual os pais deveriam fornecer alguns dados gerais tais como: sexo e idade de todos os seus filhos, idade, escolaridade e profissão do pai e da mãe, além do número de pessoas que morassem na casa com a criança.

Cerca de 500 crianças foram autorizadas pelo pai a participar da pesquisa. Para maior uniformização da amostra, em termos de composição familiar, a ficha de informações de cada uma delas foi analisada, eliminando-se as crianças que tinham irmãos gêmeos e as que tinham mais de dois adultos (além dos pais e da empregada), ou outras crianças (além dos irmãos), morando na mesma casa. Eliminaram-se também crianças que tinham irmãos maiores de 15 anos, os quais poderiam ser percebidos por elas como adultos.

Entre as crianças que restaram, sorteou-se a amostra final de 180 sujeitos e seus substitutos³, obedecendo-se ao seguinte esquema:

³ Uma das tarefas mais complexas durante a preparação do trabalho em campo foi a definição do grupo do substitutos da amostra sorteadas. Para cada uma das crianças desta amostra foi determinado a priori um substituto eventual, que possuísse a mesma composição familiar e, preferencialmente, estudasse no mesmo colégio.

Grupo Masculino (90 crianças)

5 anos (30 crianças)

1 irmão (10 crianças)
2 irmãos " "
3 irmãos " "

7 anos(30 crianças)

1 irmão (10 crianças)
2 irmãos " "
3 irmãos " "

9 anos (30 crianças)

1 irmã (10 crianças)
2 irmãos " "
3 irmãos " "

Grupo Feminino (90 crianças) — com a mesma subdivisão do grupo masculino.

As crianças foram testadas individualmente, em salas isoladas, cedidas pelas próprias escolas, por duas entrevistadoras, uma durante o período da manhã e outra durante o período da tarde, ambas com ampla experiência de trabalho em escolas primárias. As entrevistadoras foram treinadas na aplicação do teste e ignoraram, até o final do trabalho de campo, os principais objetivos da pesquisa.

Foi estabelecida uma ordem aleatória para as escolas e, em cada escola, para as crianças serem testadas. A ordem estabelecida foi mantida na medida do possível e quando alguma criança faltava à escola no dia do teste era substituída por outra criança do mesmo grupo que o seu, já pré-selecionada. A substituição também foi feita nos casos das crianças que não completaram o teste devido a cansaço ou desinteresse. A coleta de dados durou 30 dias.

O instrumento utilizado foi o *Teste de Percepção Social* para crianças (TPS), elaborado exclusivamente para fins da pesquisa. O teste contém 15 itens, em cada um dos quais se apresentam duas características opostas, pedindo-se à criança para classificar os membros de sua família segundo estas características.

A classificação no TPS é feita através da separação de um grupo de bonecos que representa uma família nuclear de composição idêntica à da família da criança⁴. Assim, a criança recebe, no início do teste,

⁴ Os bonecos eram flexíveis, variando em tamanho (de 2 a 15 centímetros), roupa, cor do cabelo e expressão facial. Todas as bonecas, assim como as crianças, eram de cor branca.

Para compor sua própria família, a criança podia escolher entre 4 bonecos meninos, de tamanho e roupas diferentes. Havia também um nenê, uma boneca adulta (mãe) e um boneco adulto (pai).

bonecos representando o pai, a mãe e crianças em número e sexo iguais aos de sua própria família. Antes da apresentação de cada item, os bonecos são agrupados e após a formulação da pergunta pede-se à criança para separá-los, colocando de um lado os bonecos que possuem determinada característica e, de outro, os bonecos que possuem a característica oposta.

Além disso, após a separação da família em dois grupos, pede-se à criança que defina quais os dois personagens que mais apresentam determinada característica: assim, além de separar a família em dois grupos a criança deve ordenar um destes grupos, apontado quem possui a característica proposta em primeiro e segundo lugar (duas escolhas).

Após cada escolha, na ordenação dos bonecos, pede-se à criança para explicar por que ela atribui aquela característica ao elemento escolhido. Por exemplo, se ela afirma que seu irmão mais novo é o "mais briguento" a entrevistadora pergunta, "me diga porque ele é briguento? como você sabe que ele é briguento?", repetindo a pergunta para a segunda escolha.

Este procedimento de se pedir explicações às crianças só foi aplicado neste estudo a 1/3 da amostra (30 crianças de cada sexo e 20 de cada idade).

Os 15 itens do TPS e as perguntas para ordenação dos bonecos encontram-se no Quadro 1. Para maior controle de variáveis estranhas, a ordem dos itens foi sistematicamente alterada, sendo o teste apresentado em

QUADRO 1 — ITENS DO TESTE

	ITENS	PERGUNTAS PARA ORDENAÇÃO	
1.	Quem quer sempre ser o primeiro em tudo?	Quem deixa os outros serem os primeiros?	Quem tem mais vontade de sempre ser o primeiro?
2.	Quem ajuda os outros?	Quem não ajuda os outros?	Quem ajuda mais?
3.	Quem não faz as coisas sozinho, pede sempre para os outros ficarem perto dele?	Quem faz as coisas sozinho, não precisa de ninguém perto dele?	Quem pede mais para os outros ficarem perto dele?
4.	Quem é carinhoso, gosta de ficar juntinho dos outros, abraçar e fazer carinho?	Quem não é carinhoso, não gosta de ficar juntinho dos outros, não gosta de abraçar, não faz carinhos?	Quem é mais carinhoso, gosta mais de abraçar?
5.	Quem escolhe logo o que quer, não fica pensando demais antes de fazer as coisas, não é indeciso?	Quem demora muito para escolher o que quer, pensa demais antes de fazer as coisas, é indeciso?	Quem tem mais jeito de escolher logo as coisas que quer?
6.	Quem faz as coisas devagar?	Quem faz as coisas depressa?	Quem faz as coisas mais devagar?
7.	Quem gosta de ajudar nas coisas de casa?	Quem não gosta de ajudar nas coisas de casa?	Quem gosta mais de ajudar nas coisas de casa?
8.	Quem é briguento e sempre fica bravo com as outras pessoas?	Quem não é briguento e quase nunca fica bravo com as pessoas?	Quem é mais briguento, quem fica mais bravo com as outras pessoas?
9.	Quem é medroso?	Quem é corajoso?	Quem é mais medroso?
10.	Quem é forte?	Quem é fraco?	Quem é mais forte?
11.	Quem sempre inventa coisas novas para fazer?	Quem faz sempre as mesmas coisas?	Quem inventa mais coisas novas para fazer?
12.	Quem manda nos outros?	Quem não manda nos outros?	Quem manda mais nos outros?
13.	Quem gosta mais de ficar dentro de casa fazendo as coisas, trabalhando, brincando?	Quem gosta mais de ficar fora de casa fazendo as coisas, trabalhando, brincando?	Quem gosta mais de ficar dentro de casa?
14.	Quem se mexe bastante, faz muitas coisas?	Quem se mexe pouco, não faz muitas coisas?	Quem se mexe mais?
15.	Quem tem o mesmo jeito que você?	Quem é diferente de você?	Qual o que mais tem o mesmo jeito que você?

cinco formas diferentes e, em cada um dos 18 grupos de 10 crianças, as cinco formas foram aleatoriamente distribuídas. Assim, cada duas crianças de um mesmo grupo respondeu a uma forma diferente do teste.

O Teste de Percepção Social foi elaborado após um estudo com diferentes tipos de instrumentos para medir percepção social em crianças (ver Graciano *et al.*, 1976), no qual se concluiu que o método de classificação e ordenação dos bonecos seria o mais adequado para as faixas etárias que se pretendia estudar nesta pesquisa.

Alguns dos itens escolhidos para a forma final do TPS já haviam sido testados nesse primeiro estudo, mas vários itens foram acrescentados em função dos resultados de outra pesquisa, sobre percepções que os pais têm de seus filhos (Silva *et al.*, 1976), na qual se constatou que meninos e meninas são percebidos diferentemente por seus pais em dimensões de personalidade e comportamentos considerados típicos de cada sexo. O resultado deste estudo, que mostrou claramente a influência dos estereótipos de papéis sexuais a nível da percepção dos pais, levou à incorporação das mesmas dimensões ao TPS a fim de se verificar, pela presente pesquisa, como as crianças nelas se auto-conceituam. Um item (nº 15), foi também incluído para se verificar a identificação da criança com os outros membros de sua família.

Todos os itens da forma final do TPS foram pré-testados para se verificar a compreensão verbal das crianças. Durante a aplicação da pesquisa, as entrevistadoras tiveram o cuidado de verificar se as crianças compreendiam o que estava sendo perguntado, oferecendo explicações adicionais e um exemplo, sempre que necessário. Nos casos em que a criança realmente não entendia a pergunta, o item era deixado em branco, passando-se para o item seguinte.

A duração média do teste foi de 20 minutos. O teste foi sempre introduzido após um período de *rapport*, durante o qual a entrevistadora solicitava a colaboração da criança para um trabalho, visando conhecer o melhor o que ela pensava sobre sua família, e lhe explicava que deveria responder honestamente uma vez que não haveria respostas consideradas certas ou erradas.

Durante a aplicação a entrevistadora nunca reforçava a criança com comentários como: "muito bem", "isso mesmo", etc., ou acenos de cabeça. Não obstante, procurava manter um bom relacionamento com a criança, respondendo às suas perguntas e conversando quando solicitada.

Características Gerais da Amostra

Os dados das fichas de informação, preenchidas pelos pais, foram examinados a fim de se verificar qual a posição dos sujeitos na constelação familiar e quais as características do grupo de irmãos. Tentou-se também estabelecer o nível sócio-econômico da população estudada.

A preocupação inicial foi investigar se cada um dos 18 grupos que compõem a amostra contém proporções equivalentes de primeiros filhos, filhos do meio e filhos mais novos.

O exame dos grupos mostrou que as crianças de 7 anos estão igualmente distribuídas em primeiros filhos, filhos do meio e mais novos, o mesmo não ocorrendo, contudo, nos outros grupos etários. Há no grupo dos sujeitos de 5 anos uma proporção maior de filhos mais novos (45% das crianças desta idade), proporção esta que é ainda mais acentuada entre as crianças provenientes das famílias de quatro filhos. Tal ocorrência, entretanto, já era esperada, dado que há baixa probabilidade de se encontrar, na população em geral, crianças de 5 anos com três irmãos mais novos.

No grupo de 9 anos há, inversamente, uma proporção maior de primeiros filhos, em todos os tamanhos de família. Isto decorre em parte do fato de haverem sido eliminados da amostra sujeitos que possuíam irmãos com idade acima de 15 anos, o que tornou menos provável a ocorrência de filhos mais novos, neste grupo, principalmente entre as famílias com três e quatro crianças.

Entretanto, considerando-se a amostra como um todo, as crianças estão proporcionalmente bem distribuídas quanto à ordem de nascimento, sendo que 38% da amostra é composta de primeiros filhos, 26% de filhos do meio e 36% de filhos mais novos. A menor porcentagem de filhos do meio ocorre porque 1/3 da amostra é de crianças de famílias de 2 filhos, onde não há essa categoria. Em cada um desses grupos, há praticamente igual número de crianças do sexo masculino e feminino.

Os sujeitos da amostra têm 360 irmãos, sendo 174 meninos e 186 meninas. No grupo de irmãos, 89 são mais velhos e 85 são mais novos que os sujeitos e entre as irmãs, 95 são mais velhas e 91 são mais novas que os sujeitos.

Ainda que na amostra total, assim como nos diferentes grupos etários, irmãos e irmãs, mais velhos e

mais novos, estejam representados em proporções quase iguais, há diferenças marcantes na distribuição dos irmãos em função do sexo dos sujeitos. Isto decorre basicamente do fato de que, segundo os critérios estabelecidos para seleção da amostra, nas famílias de dois filhos há sempre só um irmão do sexo oposto ao do sujeito, causando um aumento da população de irmãos para os sujeitos do sexo feminino e de irmãs para os sujeitos do sexo masculino. Desta forma, 32% dos irmãos e 68% das irmãs são de sujeitos do sexo masculino e 67% dos irmãos e 33% das irmãs são de sujeitos do sexo feminino. Em todos os tamanhos de família, há cerca de 50% de irmãos e 50% de irmãs, conforme mostra a Tabela I.

Numa tentativa de caracterizar o nível sócio-econômico das crianças que participaram da pesquisa, utilizaram-se os dados sobre escolaridade e profissão dos pais, solicitados na ficha de informações. Cabe notar, no entanto, que nem todas as escolas concordaram em enviar aos pais a ficha padrão, preferindo elaborar uma ficha própria. Isto foi permitido, uma vez que as informações desejadas eram bastante simples. Não obstante, duas das escolas, localizadas em distritos de renda econômica mais baixa, negaram-se a incluir na ficha que elaboraram o item sobre escolaridade dos pais, uma delas negando-se também a incluir o item sobre profissão. Conseqüentemente, os dados que apresentamos na Tabela II, sobre a profissão dos pais, devem ser examinados com cuidado, pois representam respostas de apenas 80% da amostra e não incluem os pais de alunos de um colégio representativo de renda

baixa, cujas respostas poderiam ter aumentado a frequência das profissões manuais e semi-especializadas.

Os dados sobre profissão demonstram, de forma geral, que a maioria das crianças provêm de lares de classe média em ascensão, na medida em que 79% dos pais que responderam a este item possuem ocupações não manuais, com alta porcentagem em supervisão e direção. Mostram, também, que grande porcentagem das mães (entre as que responderam a ficha de informações) não trabalham profissionalmente ou, quando o fazem, têm um nível ocupacional bem inferior ao dos maridos. Não sabemos se este dado se manteria caso as respostas das mães de renda mais baixa fossem incluídas; é possível que a porcentagem de mães que trabalham profissionalmente aumentasse, principalmente no quadro das profissões manuais e semi-especializadas. No entanto, assim como estão, os dados mostram que uma porcentagem substancial das mães exercem funções de dona-de-casa.

Os dados sobre escolaridade só foram fornecidos por 45% dos pais e mães. Mesmo no caso de haver recebido a ficha padrão para ser respondida, uma alta porcentagem de pais deixou este item em branco.

Em relação à escolaridade paterna, a frequência nas categorias de curso colegial completo (18,5%) e universitário completo (45,7%) é relativamente alta. As respostas sobre escolaridade materna aparece com frequência bem menor nessas categorias, e apenas 15,9% das mães afirmaram ter completado o curso ginásial. Não é possível tirar conclusões definitivas desses dados,

TABELA I — FREQUÊNCIA DE IRMÃOS E IRMÃS DOS SUJEITOS.

Grupos dos sujeitos	Famílias com 2 filhos		Famílias com 3 filhos		Famílias com 4 filhos		TOTAL
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Irmãos mais velhos	0	12	11	13	23	30	89
Irmãos mais novos	0	18	5	25	16	21	85
Irmãs mais velhas	12	0	26	12	26	19	95
Irmãs mais novas	18	0	18	10	25	20	91

TABELA II — FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS E RELATIVAS NAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS*, PARA OS PAIS (N=149) E AS MÃES (N=146) DOS SUJEITOS DA AMOSTRA

PROFISSÕES	PAIS	MAES
Não trabalham profissionalmente	3 (2%)	107 (73,3%)
Ocupações manuais não especializadas. Exemplo: operário, pedreiro- auxiliar, cozinheiro, guarda-noturno, porteiro.	7 (4,7%)	—
Ocupações manuais especializadas e assemelhadas. Exemplos: cabeleiro, carpinteiro, motorista empregado, mecânico, fotógrafo, feirante, zelador de edifício.	15 (10,1%)	2 (1,4%)
Supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas. Exemplos: chefe de seção (fábrica), cozinheiro de restaurante, motorista proprietário.	5 (3,4%)	—
Ocupações não-manuais de rotina e assemelhadas. Exemplos: datilógrafo, corretor de imóveis, professor ou diretor primário, propagandista, escriturário, vendedor de firma.	23 (15,4%)	22 (15,1%)
Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não-manuais. Exemplo: Proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, agro-pecuárias, comerciante (sem especificar), caixa bancário, dono de farmácia, chefe de pessoal.	45 (30,2%)	11 (7,5%)
Profissões liberais, cargos de gerência ou direção. Proprietários de empresas de tamanho médio.	51 (34,2%)	4 (2,7%)
TOTAL	149 (100%)	146 (100%)

* As profissões dos pais e das mães foram classificadas de acordo com uma versão modificada por Aparecida Joly Gouveia da hierarquia de prestígio utilizada por Bertram Hutchinson (1960) em seu estudo *Trabalho e Mobilidade* (ver referência).

devido ao grande número de respostas em branco e ao fato, já citado, de que duas escolas representativas dos distritos de renda mais baixa não forneceram dados sobre escolaridade dos pais.

Em conclusão, ainda que não se tenham dados para definir com segurança o nível sócio-econômico das crianças da amostra, pode-se dizer com base nos resultados acima que a grande maioria pertence à classe média. A diversidade das mensalidades escolares (variando entre Cr\$ 100,00 e Cr\$ 450,00 em 1976) e também a observação das características gerais dos bairros onde as escolas estão localizadas, permite afirmar que nesta categoria geral de "classe média" estão incluídas crianças representativas de diferentes sub-grupos econômicos, culturais e religiosos.

A percepção dos elementos da família nuclear

As respostas a quatorze itens do TPS foram analisadas obtendo-se frequências de classificação para cada um dos sete elementos da família nuclear incluindo o pai, a mãe, o próprio sujeito e os irmãos, agrupados em

quatro grandes categorias: mais velhos (que o sujeito) e masculinos; mais velhos e femininos; mais novos e masculinos, e mais novos e femininos. Através desse levantamento de frequência, traçaram-se perfis representando cada elemento da família nuclear (Gráficos 1 a 7) que permitem fácil comparação entre eles.

Para melhor caracterizar cada personagem, o Quadro 2 apresenta em ordem decrescente as frequências de classificação de cada elemento em vários itens. Neste quadro só aparecem os itens em que os elementos foram classificados de um dos lados pela maioria das crianças, ou seja, os itens onde a frequência de classificação superou os limites de intervalos de confiança ($p < 0,05$) estabelecidos para classificações esperadas ao acaso (50% de cada lado).

Como se vê no Quadro 2, ao sujeito (em termos da amostra total) são atribuídas apenas características positivas — com exceção de "não manda nos outros" — indicativas de afetividade, independência, força e atividade. A alta frequência dessas características pode, no entanto, apenas refletir a tendência dos sujeitos em

QUADRO 2 — CARACTERIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DA FAMÍLIA NUCLEAR. NESTE QUADRO AS CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS A CADA ELEMENTO DA FAMÍLIA, COM FREQUÊNCIA SUPERIOR À ESPERADA AO ACASO (INTERVALO DE CONFIANÇA: < 0,05), SÃO APRESENTADAS EM ORDEM DECRESCENTE.

Z	SUJEITO (AUTO-CONCEITO)	MÃE	PAI	IRMÃO MAIS VELHO	IRMÃ MAIS VELHA	IRMÃO MAIS NOVO	IRMÃ MAIS NOVA	Z	
100								100	
90		<ul style="list-style-type: none"> •Carinhosa •Gosta de ajudar nas coisas de casa 	<ul style="list-style-type: none"> •Corajoso •Forte 				<ul style="list-style-type: none"> •Não manda nos outros 	90	
80	<ul style="list-style-type: none"> •Ajuda os outros •Carinhoso •Não manda nos outros 	<ul style="list-style-type: none"> •Não é briguento •Ajuda os outros •Deixa os outros serem os primeiros •Manda nos outros •Corajosa •Faz as coisas sozinha 	<ul style="list-style-type: none"> •Manda nos outros •Faz as coisas sozinho •Ajuda os outros •Não é briguento •Carinhoso 			<ul style="list-style-type: none"> •Não manda nos outros 	<ul style="list-style-type: none"> •Medrosa •Fraca 	80	
70	<ul style="list-style-type: none"> •Gosta de ajudar em casa •Corajoso 	<ul style="list-style-type: none"> •Gosta de ficar dentro de casa 		<ul style="list-style-type: none"> •Briguento •Forte •Quer sempre ser o primeiro em tudo 		<ul style="list-style-type: none"> •Não manda nos outros •Não gosta de ajudar nas coisas de casa 	<ul style="list-style-type: none"> •Não faz as coisas sozinha 	70	
60	<ul style="list-style-type: none"> •Se mexe bastante •Escolhe logo o que quer •Se mexe bastante •Sempre inventa coisas novas para fazer •Escolhe logo o que quer •Forte •Faz as coisas depressa •Faz as coisas sozinho 	<ul style="list-style-type: none"> •Escolhe logo o que quer •Se mexe bastante •Faz as coisas depressa •Escolhe logo o que quer •Gosta de ajudar nas coisas de casa •Sempre inventa coisas novas para fazer 	<ul style="list-style-type: none"> •Deixa os outros serem os primeiros •Se mexe bastante 	<ul style="list-style-type: none"> •Não gosta de ajudar nas coisas de casa •Se mexe bastante •Gosta de ficar fora de casa •Não é carinhoso •Não manda nos outros •Sempre inventa coisas novas para fazer •Faz as coisas depressa 	<ul style="list-style-type: none"> •Se mexe bastante •Ajuda os outros •Carinhoso •Quer sempre ser a primeira em tudo •Briguenta •Gosta de ficar dentro de casa 	<ul style="list-style-type: none"> •Se mexe bastante •Ajuda os outros •Carinhoso •Quer sempre ser a primeira em tudo •Briguenta •Gosta de ficar dentro de casa 	<ul style="list-style-type: none"> •Medroso •Faz as coisas devagar •Não faz as coisas sozinho •Quer sempre ser o primeiro em tudo •Gosta de ficar fora de casa •Fraco •Faz sempre as mesmas coisas •Quer sempre ser a primeira em tudo •Faz as coisas devagar •Gosta de ficar dentro de casa 	<ul style="list-style-type: none"> •Faz sempre as mesmas coisas •Carinhoso •Gosta de ajudar em casa 	60
50								50	

GRÁFICOS DE 1 a 7 Os gráficos abaixo representam a frequência (em termos percentuais) com que cada elemento da família nuclear foi classificado, em quatorze itens do TPS, pela amostra total (N=180)

GRÁFICO 1 — O próprio sujeito (auto-conceito)

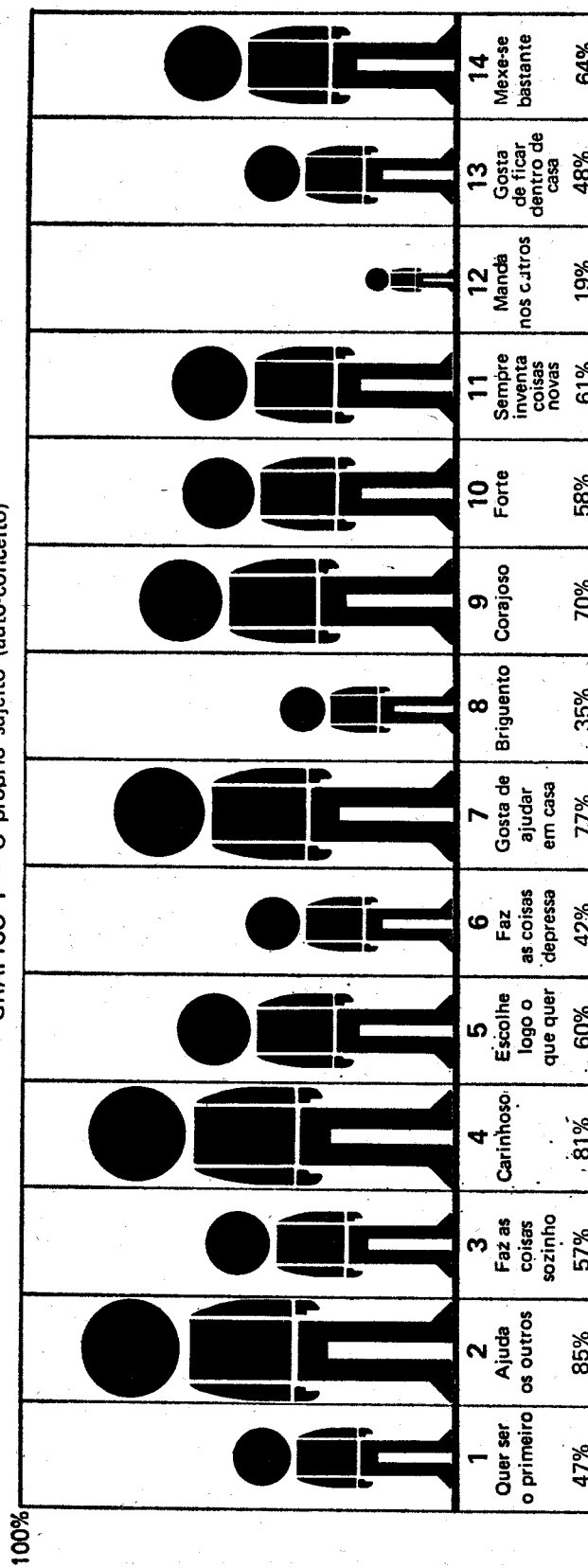


GRÁFICO 2 -- A mãe

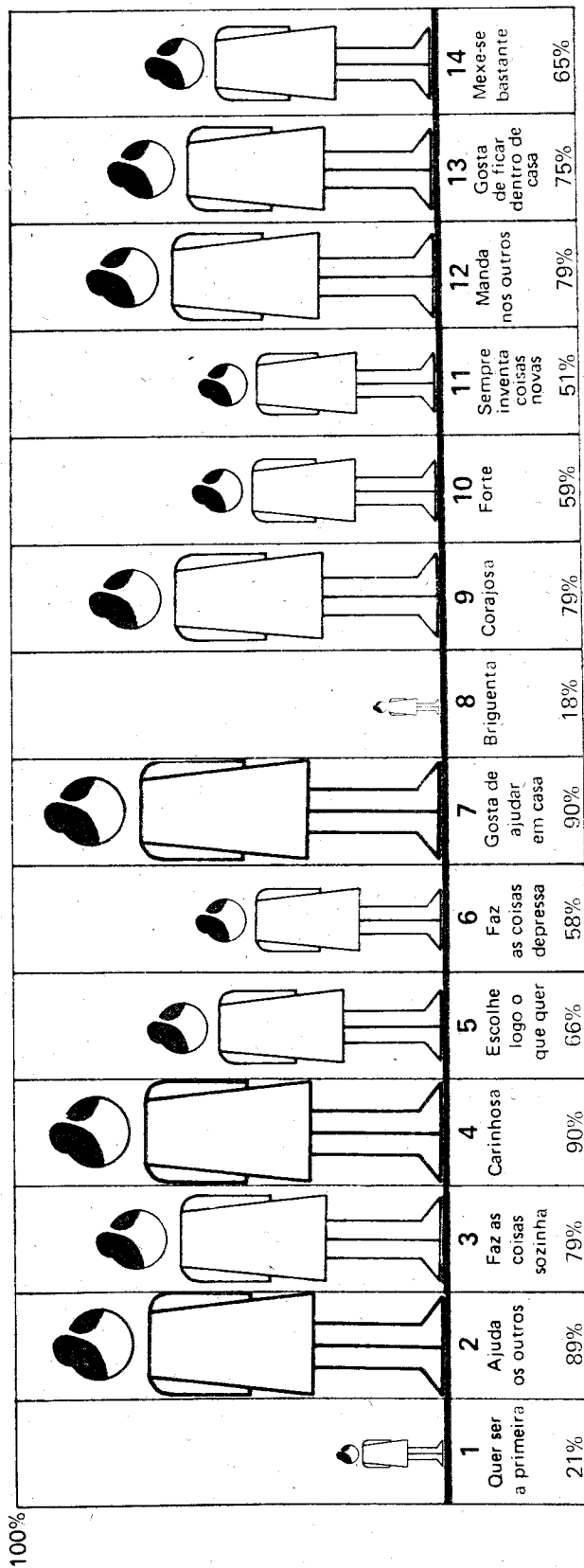


GRÁFICO 3 -- O pai

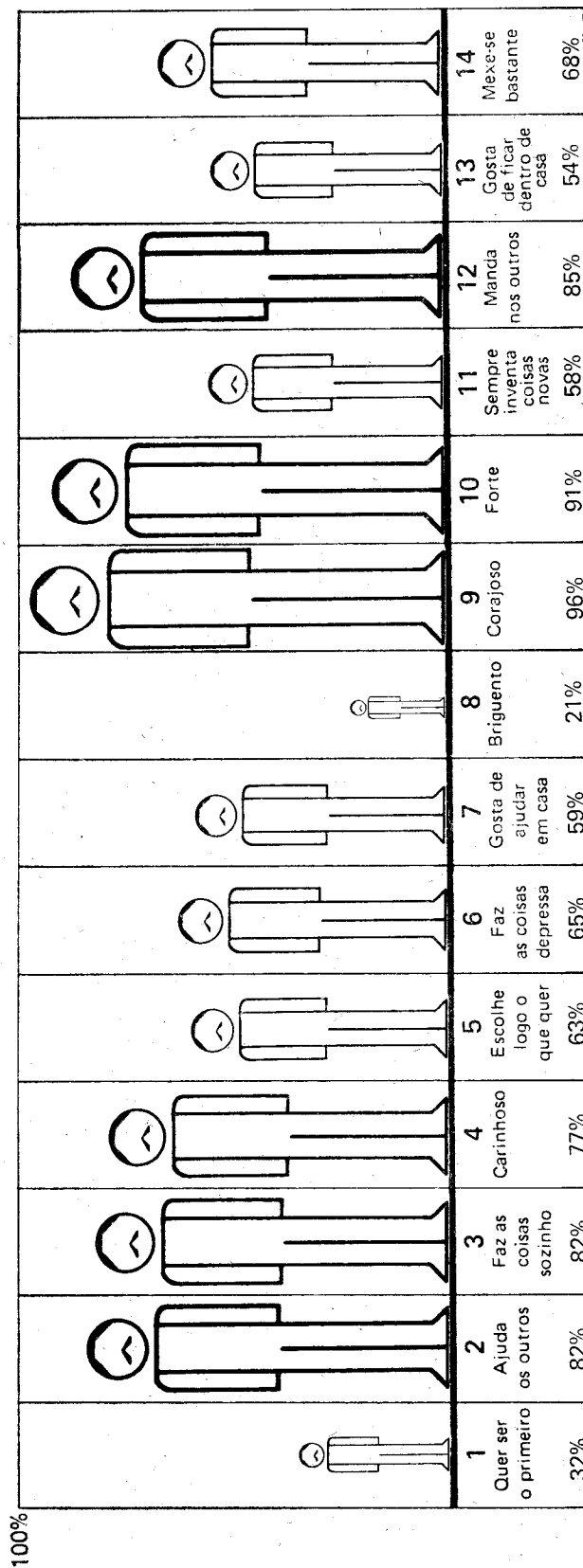


GRÁFICO 4 — O irmão mais velho

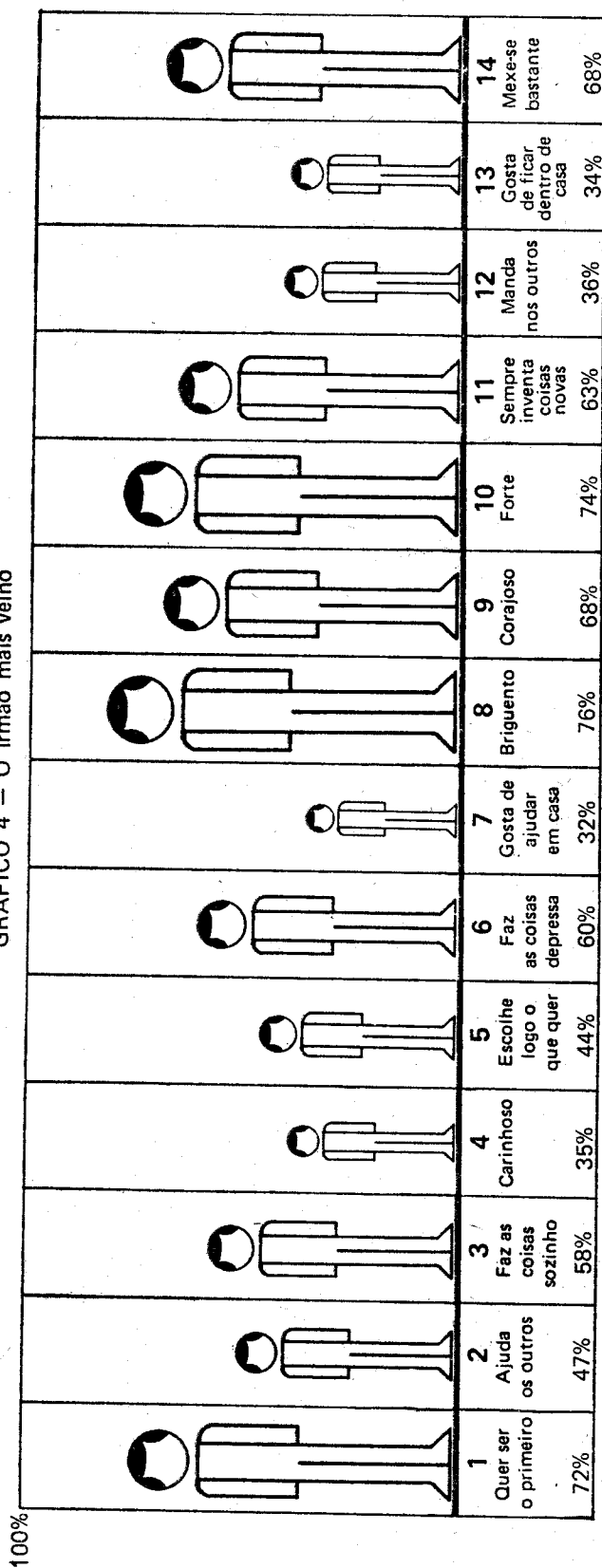


GRÁFICO 5 — A irmã mais velha

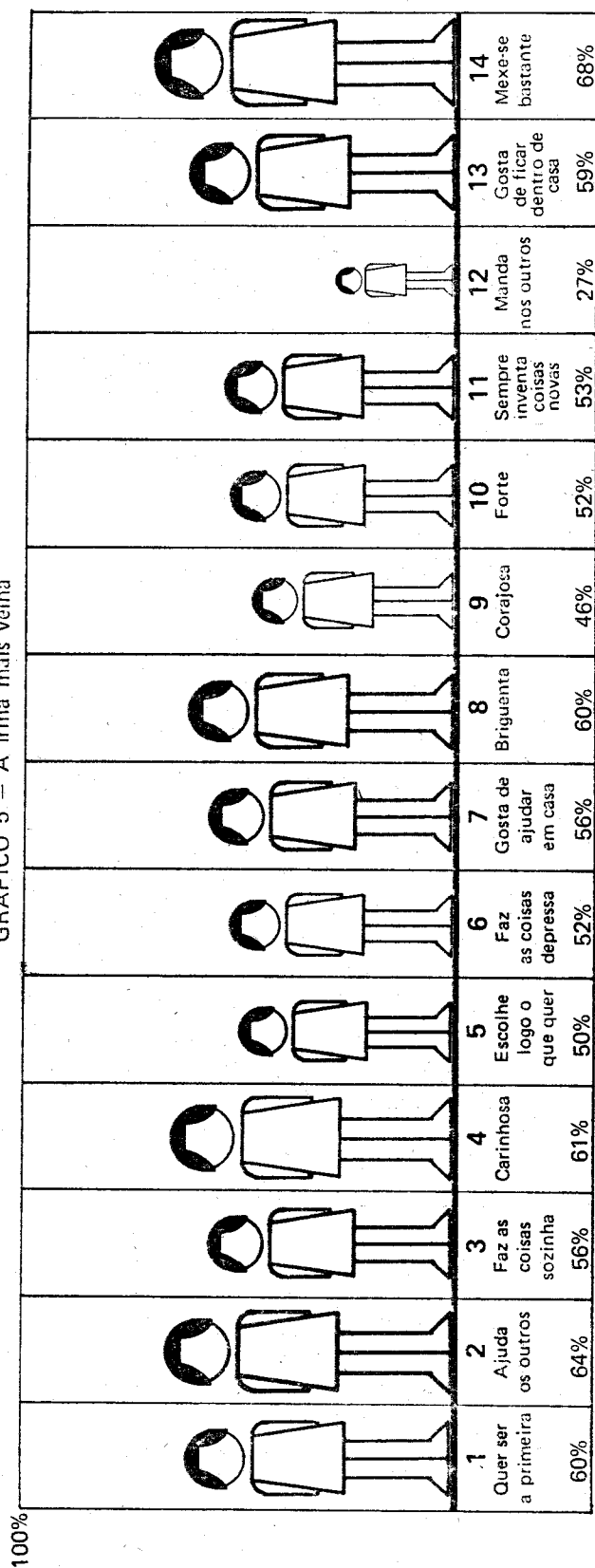


GRÁFICO 6 — O irmão mais novo

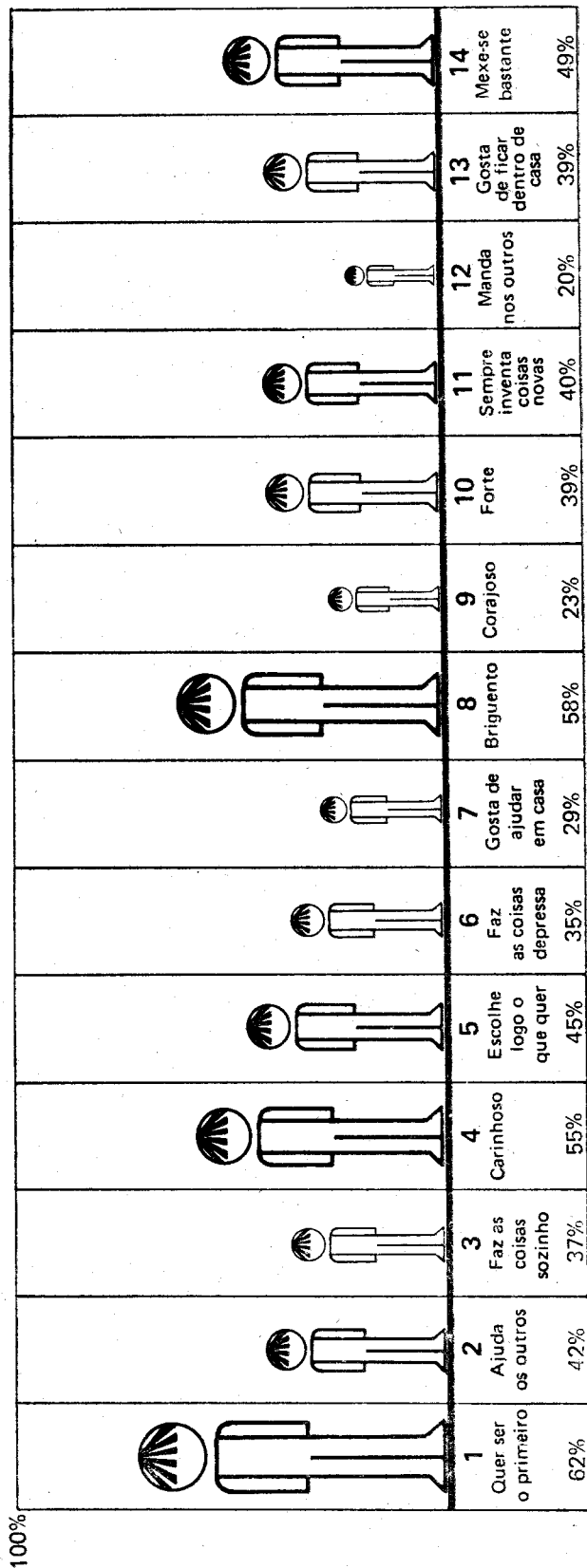
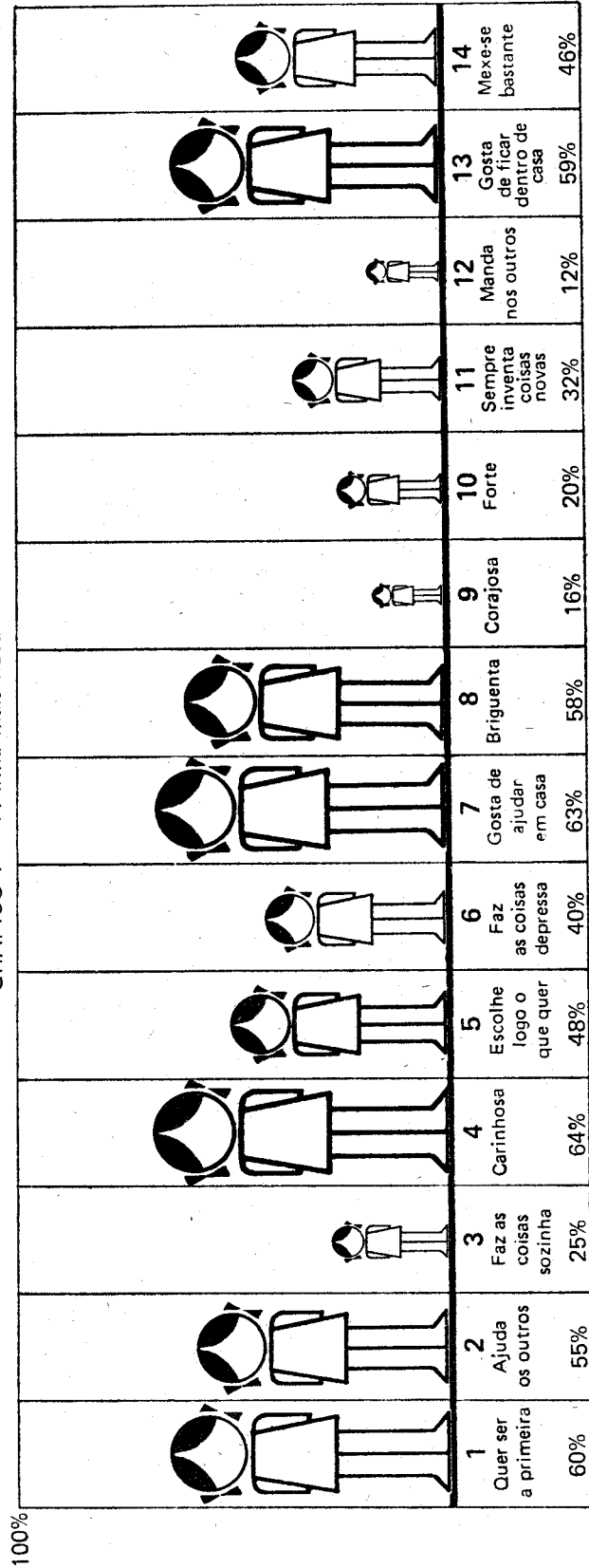


GRÁFICO 7 — A irmã mais nova



geral a se classificarem segundo o que é "desejável", representando-se de forma extremamente positiva, para causar boa impressão à entrevistadora.

A mãe são atribuídas principalmente características de proteção, afeto e as funções de dona de casa, além de poder, força e independência. Contrariamente, o pai é percebido principalmente como forte, corajoso e independente, além de possuir características afetivas e de proteção.

O irmão mais velho é definido como forte, agressivo, ativo e pouco afetivo. Em oposição, a irmã mais velha é classificada como carinhosa, protetora e caseira, embora também seja percebida como ativa e agressiva. Aos irmãos mais novos foram atribuídas principalmente características negativas. São percebidos em geral como medrosos, vagarosos, dependentes, fracos e pouco criativos. Cabe notar, no entanto que essas atribuições são mais frequentes para a irmã mais nova, que também é vista como carinhosa e caseira.

Pode-se notar que a percepção dos elementos familiares isolados é muito afetada por estereótipos de papéis sexuais existentes em nossa cultura. Assim, todos os elementos femininos são classificados como carinhosos, protetores e gostando de ajudar nas coisas de casa. Além disso, as crianças tendem a apresentar no teste uma valorização de si mesmas e das figuras parentais (que só aparecem com características positivas) ao lado de uma visão mais positiva dos irmãos mais velhos de que dos irmãos mais novos.

As diferenças entre frequências de classificações do pai e da mãe foram testadas em todos os itens, através da prova binomial. Os resultados mostraram que classificações do pai ocorrem com maior frequência do que classificações da mãe dos itens: "faz as coisas depressa" ($p < 0,06$), "corajoso" ($p < 0,001$) e "forte" ($p < 0,001$). Por outro lado, a mãe é classificada com frequência significativamente maior do que o pai nos itens: "deixa os outros serem os primeiros" ($p < 0,01$), "ajuda os outros" ($p < 0,05$), "carinhosa" ($p < 0,001$), "gosta de ajudar nas coisas de casa" ($p < 0,001$) e "gosta mais de ficar dentro de casa" ($p < 0,001$). Estes resultados confirmam a idéia de que a percepção do pai e da mãe reflete em grande parte conceitos culturalmente definidos sobre os papéis masculinos e femininos. Em nossa sociedade, a criança aprende desde cedo a atribuir ao homem características de força e atividade e à mulher, características de submissão e afetividade. É surpreendente que estas atribuições estereotipadas sejam mantidas mesmo em relação à percepção do pai e da mãe, que são pessoas com as quais as crianças se relacionam de forma ativa e constante, tendo oportunidade de perceber nuances em suas reações que não correspondem, necessariamente, a imagem cultural típica.

Em relação à percepção dos irmãos, também foram realizados testes com a prova binomial para comparar

as frequências de classificações dos irmãos mais velhos e mais novos que os sujeitos (ambos os sexos): Considerados em um só grupo, os irmãos mais velhos são classificados com frequência significativamente maior do que os irmãos mais novos nos seguintes itens: "quer sempre ser o primeiro em tudo" ($p < 0,05$), "faz as coisas sozinho" ($p < 0,001$), "faz as coisas depressa" ($p < 0,01$), "briguento" ($p < 0,05$), "corajoso" ($p < 0,001$), "forte" ($p < 0,001$), "sempre inventa coisas novas para fazer" ($p < 0,001$), "manda nos outros" ($p < 0,001$) e "se mexe bastante" ($p < 0,001$). Irmãos mais velhos são portanto percebidos como mais fortes e ativos do que os irmãos mais novos.

A mesma análise, com testes binomiais, foi repetida para se comparar diferenças entre as classificações do grupo total de irmãs (mais velhas e mais novas) e o grupo total de irmãos (mais velhos e mais novos). As irmãs foram classificadas com maior frequência do que os irmãos nas categorias: "ajuda os outros" ($p < 0,01$), "carinhosa" ($p < 0,01$), "gosta de ajudar nas coisas de casa" ($p < 0,001$), "não é briguento" ($p < 0,05$) e "gosta de ficar dentro de casa" ($p < 0,001$). Os irmãos foram classificados com maior frequência do que as irmãs nos itens: "corajoso" ($p < 0,001$), "forte" ($p < 0,001$), "inventar sempre coisas novas para fazer" ($p < 0,05$) e "manda nos outros" ($p < 0,05$). Como se vê, na percepção dos irmãos também aparecem os estereótipos das figuras femininas e masculinas já aparente nas percepções do pai e da mãe.

Estudos complementares sobre a percepção dos elementos da família nuclear seriam necessários, considerando-se não apenas os elementos isolados, como se fez, mas também os diferentes agrupamentos classificados pelas crianças. Do levantamento realizado até o momento sabe-se que foram relativamente raros os casos em que um único elemento foi classificado em oposição ao resto da família. Conseqüentemente, é preciso que se elabore um sistema de análise dos vários tipos de agrupamento que ocorreram, para se obter uma visão mais adequada da percepção que a criança tem do grupo familiar como um todo. Este sistema, no entanto, não pôde ser elaborado até o momento.

Conseqüentemente, não puderam ser analisadas as ordenações que os sujeitos fizeram, indicando os dois elementos de sua família que mais apresentavam determinadas características, apesar de se haver realizado um levantamento preliminar das mesmas. Verificou-se que a análise destas ordenações só tem sentido a partir do estudo dos sub-grupos em que a família é dividida em cada item, uma vez que a escolha de um elemento como o que mais apresenta determinada característica (exemplo: é o mais "briguento") depende de uma classificação anterior deste mesmo elemento em um sub-grupo (aqueles que são briguentos). Como nada se sabe até o momento sobre a extensão e composição destes sub-grupos, nada se pode dizer sobre o significado das

primeiras e segundas escolhas apresentadas pelos sujeitos.

As explicações para estas ordenações (obtidas para 1/3 da amostra) não puderam igualmente ser analisadas. Isto porque, além dos problemas já expostos, a análise destas explicações exige uma extensa elaboração de categorias para classificação das respostas, a qual não foi possível incluir no âmbito deste estudo.

Assim, os dados aqui apresentados sobre percepção dos elementos da família nuclear nada mais são do que um levantamento geral preliminar que dá, à primeira vista, uma noção de como as percepções sociais das crianças são influenciadas por estereótipos culturais. É de se esperar que uma análise mais profunda e detalhada dos dados, que inclua o estudo dos agrupamentos e das explicações oferecidas para as primeiras e segundas escolhas, possa gerar resultados ricos que dêem origem a novas hipóteses sobre a percepção da família.

"Quem tem o mesmo jeito que você e quem é diferente de você?"

Os resultados deste item (nº 15), incluído com o propósito de medir a identificação dos sujeitos com modelos parentais, não são suficientemente claros e consistentes. Uma primeira observação mostra que 39% das respostas dos sujeitos incluem o pai e a mãe juntos na categoria "diferente de você", e 17% incluem o pai e a mãe juntos na categoria "tem o mesmo jeito que você". Portanto, em 56% das respostas não há discriminação entre o pai e a mãe, sendo ambos considerados como diferentes ou semelhantes ao sujeito. Nas respostas restantes o pai (isolado da mãe) aparece classificado como "tendo o mesmo jeito" que o sujeito em 23% e a mãe (isolada do pai), em 21% das vezes.

As ordenações do pai e da mãe em primeiro lugar no item "aquele que mais tem o mesmo jeito que você" foram também analisadas. Os resultados mostram que primeiras escolhas de pai e mãe aparecem com frequência relativamente iguais. No entanto, quando se separaram os sujeitos em grupos por sexo, verifica-se que as primeiras escolhas do pai tendem a ser mais frequentes entre os meninos ($\chi^2=2,81$); $gl=1$; $p < 0,10$). Tendência inversa ocorre entre as meninas, que escolhem a mãe em proporção maior do que os meninos como a "que mais tem o mesmo jeito que você", embora o resultado do teste estatístico não indique diferença significativa neste caso.

Pouco se pode concluir destes resultados em termos da identificação da criança com figuras parentais, ocorrendo apenas uma tendência dos meninos a escolherem o pai em primeiro lugar e das meninas a escolherem a mãe. É possível que a inconsistência dos dados se deva à natureza da pergunta formulada que é bastante vaga, dando margem a diversas interpretações: as respostas dos sujeitos podem estar refletindo desde percep-

ção de semelhanças físicas e superficiais até identificações amplas e profundas. Através da análise geral dos dados, realizada até o momento, muito pouco se pode afirmar sobre estas identificações. Seria necessário um estudo individual de cada protocolo incluindo a análise de sub-grupos, como sugerido anteriormente, e a comparação das respostas dadas aos demais itens, a fim de se verificar a frequência com que cada sujeito se classifica em todo o teste ao lado do elemento com quem mais se identifica.

Relações inter-itens do TPS para percepção de sujeito, mãe e pai

Para medir o grau de interrelação dos itens do TPS, calcularam-se os coeficientes de contingência para as classificações independentes do sujeito, da mãe e do pai, nos quinze itens considerados dois a dois. A escolha deste índice foi baseada na natureza da medida com que se estava trabalhando, nominal e dicotômica. Como as relações significativas indicadas pelos coeficientes de contingência fossem bastante coerentes, decidiu-se tentar aplicar uma análise fatorial aos dados, a qual, embora não fosse apropriada ao tipo de medida, forneceu uma visão mais sintética das relações inter-itens. Constatou-se, também, que havia perfeita concordância entre os itens que apareciam nas análises fatoriais com carga fatorial acima de 0,30 e os que se interrelacionavam significativamente ($\alpha < 0,05$) nos resultados dos coeficientes de contingência. Assim sendo, decidiu-se apresentar o Quadro 3, com os resultados de análises fatoriais para percepções relativas a sujeito, mãe e pai, ressaltando-se que estas análises devem ser consideradas com cuidado, pois foram aplicadas a uma escala muito rudimentar de medida. Análises fatoriais sobre percepções relativas aos irmãos não foram obtidas, pois o número de dados era insuficiente.

No Quadro 3, vemos que o conjunto de fatores aparentes (Eigenvalue $> 1,0$) é diferente, dependendo do objeto que está sendo classificado: sujeito, mãe, ou pai. Vemos, por exemplo, que o item "corajoso" aparece associado ao item "forte" para o pai (Fator III), emprestando-lhe um significado bem específico de força quase física. Para a mãe, no entanto, o item "forte" (Fator IV) aparece associado à atividade e decisão, indicando uma tendência dos sujeitos a perceberem a mãe como forte quando ela também é dinâmica. Em relação à percepção do sujeito, o item "forte" aparece inversamente associado à ausência de poder e lentidão (Fator II).

Para o pai (Fator I) e o sujeito (Fator VI) há fatores independentes compostos pelo item "se mexe bastante". No caso do sujeito o item "gosta de ficar dentro de casa" aparece em um dos polos do Fator VI com carga fatorial acima de 0,30. O mesmo acontece no caso do pai, onde o item "gosta de ficar dentro de casa" (embora não incluso no Quadro 3) também apa-

QUADRO 3 — RESULTADO DAS ANÁLISES FATORIAIS PARA PERCEPÇÃO DE SUJEITO, MÃE E PAI (ITENS QUE OBTIVERAM CARGA FATORIAL > 0,30).

FATORES PERSO NACENS	FATOR I	FATOR II	FATOR III	FATOR IV	FATOR V	FATOR VI	PORCENTAGEM DA VARIÂNCIA EXPLICADA ATÉ O FATOR VI
SUJEITO	•Corajoso (.74) •Não é briguento (.36)	•Forte (.53) •Não manda nos outros (-.38) •Faz as coisas devagar (-.34)	•Faz as coisas sozinho (.51) •Escolhe logo o que quer (.48) •Sempre inventa coisas novas para fazer (.31)	•Gosta de ajudar nas coisas da casa (.79)	•Ajuda os outros (.62) •Carinhoso (.41)	•Se mexe bastante, faz muitas coisas (-.49) •Gosta de ficar dentro de casa (.32)	58,0%
MÃE	•Não é briguenta (.80) •Carinhosa (.38)	•Gosta de ajudar nas coisas da casa (.58) •Carinhosa (.43)	•Deixa os outros serem os primeiros (.58) •Ajuda os outros (.39)	•Faz as coisas depressa (.41) •Escolhe logo o que quer (.40) •Forte (.39)	•Manda nos outros (.44) •Sempre inventa coisas novas para fazer (.39) •Se mexe bastante, faz muitas coisas (.36)	•Sempre inventa coisas novas para fazer (.38) •É diferente de você (-.43)	54,6%
PAI	•Se mexe bastante, faz muitas coisas (.78)	•É diferente de você (.78) •Gosta de ajudar nas coisas da casa (-.43)	•Corajoso (.63) •Forte (.32)	•Ajuda os outros (.62) •Gosta de ajudar nas coisas da casa (.32)	•Faz as coisas depressa (.54)	•Carinhoso (.69)	53,4%

rece em um dos polos do Fator I, mas desta vez com carga menor que 0,30 (-0,26). Assim, ao que parece, para pai e sujeito, a classificação no item "se mexe bastante" está inversamente relacionada com a classificação no item "gosta de ficar dentro de casa", ou seja, aqueles que são caseiros são considerados menos ativos. Para a mãe, no entanto, atividade aparece associada a poder e criatividade (Fator V).

Para o pai e a mãe há fatores incluindo o item "é diferente de você" (Fatores II e VI, respectivamente), que são de difícil interpretação. Ao que parece, a mãe que é percebida como fazendo sempre as mesmas coisas, isto é, pouco criativa, é também classificada como diferente do sujeito. O pai que não gosta de ajudar nas coisas de casa é por sua vez considerado "diferente". Sendo impossível obter análises separadas para meninos e meninas, pois o número de dados é insuficiente para uma análise fatorial, fica difícil explicar tais resultados, podendo-se apenas hipotetizar que o sexo do sujeito talvez seja um fator importante na percepção de pai e mãe nestas dimensões (por exemplo, é possível que meninas, mais do que meninos, vejam o pai que não gosta de ajudar em casa como diferente delas).

De maneira geral, o quadro mostra que os fatores relativos à percepção do sujeito e da mãe são mais claros e completos do que os fatores relativos à percepção do pai. Como já foi descrito através do perfil da mãe, ela é percebida geralmente em dimensões de afetividade e proteção (Fatores I, II e III). O sujeito, ao contrário é percebido em dimensões variadas, algumas das quais podem estar refletindo desejabilidade social (por exemplo, Fator I), enquanto outras referem-se a

características de força, atividade, independência e afetividade. O pai parece ser principalmente percebido como ativo e forte mas os fatores aparentes são incompletos e não permitem uma análise segura. De qualquer forma, os resultados da análise fatorial vão de encontro aos perfis percentuais traçados para sujeito, pai e mãe.

A apresentação do Quadro 3 é útil para demonstrar que a criança possui diferentes constructos para avaliar seu pai, sua mãe ou a si mesma. O próprio significado dos itens parece variar na medida em que o objeto de avaliação é mudado. Sem invalidar possíveis comparações entre as percepções de um ou outro elemento da família, tais resultados mostram a complexidade dos constructos envolvidos na percepção do mundo social, mesmo no caso de crianças pequenas avaliando sua família nuclear.

Influência de sexo, idade e tamanho de família dos sujeitos

Para as classificações dos sete elementos da família nuclear foram analisados os efeitos dos fatores: sexo, idade e tamanho de família dos sujeitos, comparando-se os diferentes sub-grupos através do teste de χ^2 . Os resultados são apresentados a seguir, considerando-se cada fator isoladamente:

a) *Sexo dos sujeitos*

Encontra-se influência do sexo dos sujeitos na atribuição das seguintes características aos elementos de sua família:

— “Carinhoso” (pai). Os meninos tendem a atribuir esta característica ao pai com maior frequência do que as meninas ($\chi^2=8,82$; $g1=1$; $p<0,01$). Esta diferença é particularmente acentuada em crianças de famílias de dois filhos.

— “É diferente de você” (mãe e irmão mais velho). Meninos tendem a classificar a mãe nesta categoria com maior frequência que meninas ($\chi^2=14,68$; $g1=1$; $p<0,001$). Inversamente, meninas tendem a classificar o irmão mais velho na categoria “diferente de você” ($\chi^2=5,34$; $g1=1$; $p<0,05$). Esta tendência aumenta significativamente com a idade ($\chi^2=9,95$; $g1=2$; $p<0,01$) sendo que, no teste, 100% das meninas de 9 anos que possuíam irmãos mais velhos classificaram-nos como diferentes delas.

— “Faz as coisas devagar” (sujeito). As meninas tendem a se classificar nesta categoria com maior frequência que os meninos ($\chi^2=8,25$; $g1=1$; $p<0,01$). Esta tendência aumenta significativamente com a idade, a partir dos 7 anos ($\chi^2=7,57$; $g1=2$; $p<0,05$).

— “Gosta de ajudar nas coisas de casa” (sujeito). Meninas afirmam que gostam de ajudar nas coisas da casa com maior frequência que meninos ($\chi^2=10,10$; $g1=1$; $p<0,01$).

— “Fracos” (sujeito e irmão mais velho). As meninas percebem-se como mais fracas que os meninos ($\chi^2=24,89$; $g1=1$; $p<0,001$). Neste item há uma influência significativa da idade ($\chi^2=10,83$; $g1=2$; $p<0,01$) sendo que as meninas só passam a se considerar mais fracas que os meninos depois dos 7 anos. Há também influência do tamanho de família, de forma que as meninas de famílias menores se consideram mais fracas que as meninas de famílias maiores ($\chi^2=8,61$; $g1=2$; $p<0,02$). Portanto, as meninas que mais tendem a se auto-avaliar como fracas são as mais velhas, provenientes de famílias de dois filhos (isto é, as que possuem apenas um irmão, de sexo masculino). Em relação ao irmão mais velho também se observam diferenças entre as respostas de meninos e meninas neste item ($\chi^2=5,68$; $g1=1$; $p<0,02$): há maior frequência de classificação do irmão mais velho como forte entre as respostas dos meninos do que entre as respostas das meninas. Este resultado é confirmado pela diferença significativa que existe entre as respostas de sujeitos de diferentes tipos de família ($\chi^2=7,63$; $g1=2$; $p<0,05$): o irmão mais velho é menos classificado como forte nos grupos de famílias de dois filhos, onde as avaliações são sempre feitas por meninas.

— “Se mexe pouco” (sujeito). Meninas tendem, aos 9 anos, a se classificar como significativamente menos ativas que os meninos ($\chi^2=8,07$; $g1=1$; $p<0,01$). De maneira geral, a idade está inversamente relacionada com a auto-classificação das meninas na categoria “se mexe bastante” ($\chi^2=12,75$; $g1=2$; $p<0,01$) indicando que à medida que cresce, a menina se julga menos ativa.

— “Corajoso” (irmão mais velho). Meninos tendem com maior frequência que as meninas, a classificar o irmãos mais velhos como corajoso, ($\chi^2=5,68$; $g1=1$; $p<0,02$).

— “Briguento” (irmã mais nova). Neste item as meninas tendem a classificar a irmã mais nova em maior proporção do que os meninos. ($\chi^2=5,43$; $g1=1$; $p<0,02$).

B) Idade dos sujeitos

Há influência da idade dos sujeitos na atribuição das seguintes características aos elementos de sua família:

— “Deixa os outros serem os primeiros” (pai, mãe, irmão mais velho irmã mais nova). Entre as meninas aumenta progressivamente com a idade a atribuição desta característica ao pai ($\chi^2=7,22$; $g1=2$; $p<0,05$), e a mãe ($\chi^2=6,30$; $g1=2$; $p<0,05$). Os sujeitos de 7 anos (de ambos os sexos) também tendem a classificar o irmão mais velho nesta categoria com maior frequência que os sujeitos de 5 ou 9 anos ($\chi^2=11,90$; $g1=2$; $p<0,01$). Quanto à irmã mais nova, as crianças menores (5 anos) tendem a percebê-la como não competitiva (deixa os outros serem os primeiros) enquanto que as maiores (9 anos) tendem a percebê-la como querendo sempre a ser a primeira em tudo ($\chi^2=7,60$; $g1=2$; $p<0,05$). Isto se deve provavelmente ao fato de que as crianças de 5 anos, em geral, não têm irmãs mais novas em idade de competir ativamente, o que não ocorre com as crianças de 9 anos.

— “Ajuda os outros” (pai, mãe e irmã mais nova). Meninas mais velhas (9 anos) classificam o pai como ajudando os outros com maior frequência do que as meninas mais novas ($\chi^2=7,91$; $g1=2$; $p<0,02$); a mesma tendência se observa nas respostas das meninas em relação à mãe ($\chi^2=10,96$; $g1=2$; $p<0,01$), sendo que neste caso, há um aumento significativo entre 5 e 7 anos de idade. A irmã mais nova é classificada pelas crianças menores (5 e 7 anos) como não ajudando os outros e pelas maiores (9 anos) como ajudando. A hipótese, apresentada acima, de que as irmãs mais novas dos sujeitos de 5 anos não estão ainda em idade de participar ou ajudar ativamente, pode ser usada para explicar estes resultados. O tamanho da família também influi nesta percepção, sendo que as crianças de famílias de três filhos são as que mais categorizam a irmã mais nova entre aqueles que “ajudam os outros”.

— “Faz as coisas depressas” (pai e mãe). Com o aumento da idade, entre 5 e 7 anos, aumenta a tendência das meninas a atribuir esta característica ao pai ($\chi^2=10,62$; $g1=2$; $p<0,01$). Idêntica tendência ocorre entre as classificações que as meninas fazem das mães ($\chi^2=13,33$; $g1=2$; $p<0,01$), sendo que, neste caso, o aumento mais significativo ocorre entre 7 e 9 anos.

— “Se mexe bastante” (pai e mãe). O pai é percebido como se mexendo bastante com maior frequência pelas crianças mais velhas de ambos os sexos

($\chi^2=11,85$; $g1=2$; $p<0,01$). A mesma tendência é observada entre as classificações que as crianças fazem das mães ($\chi^2=11,13$; $g1=2$; $p<0,01$).

— “Faz as coisas sozinha” (mãe). Há uma tendência progressiva com a idade a se classificar a mãe nesta categoria ($\chi^2=9,42$; $g1=2$; $p<0,01$). O maior aumento ocorre entre 5 e 7 anos de idade.

— “Escolhe logo o que quer” (mãe e sujeito). Observa-se um declínio, entre 7 e 9 anos, das classificações da mãe neste item ($\chi^2=6,29$; $g1=2$; $p<0,05$). semelhante em crianças de ambos os sexos. O mesmo declínio ocorre a partir dos 7 anos nas auto-avaliações dos sujeitos ($\chi^2=15,13$; $g1=2$; $p<0,001$). As crianças de 5 anos foram, portanto, as que mais se classificaram nesta categoria.

— “Briguento” (sujeito e irmão mais velho). As crianças mais novas, de 5 e principalmente 7 anos, tendem a se classificar como “não briguento” ($\chi^2=8,77$; $g1=2$; $p<0,02$). A classificação do irmão mais velho como “briguento” aumenta progressivamente com a idade ($\chi^2=8,19$; $g1=2$; $p<0,02$) e esta tendência é especialmente observada nas famílias de quatro filhos.

— “Medroso” (sujeito). Os sujeitos mais velhos tendem a se classificar com maior frequência entre os “medrosos” mas esta tendência é particularmente acentuada entre meninas ($\chi^2=7,46$; $g1=2$; $p<0,05$), e mais ainda entre meninas de famílias de dois filhos, ou seja, aquelas que possuem apenas um irmão.

— “Manda nos outros” (sujeito). As crianças de cinco anos, de ambos os sexos, tendem a se classificar com maior frequência do que as crianças mais velhas entre aquelas que “mandam nos outros” ($\chi^2=12,41$; $g1=2$; $p<0,01$). Este resultado vem confirmar dados obtidos anteriormente (Graciano, 1976) que indicam que as crianças de 5 anos não diferenciam entre seu próprio poder e o poder de seus pais. A diferenciação clara começa entre 5 e 7 anos, aumentando progressivamente com a idade.

— “Gosta de ajudar nas coisas de casa” (irmão mais velho e irmã mais nova). Com o aumento da idade os sujeitos tendem a afirmar com maior frequência que o irmão mais velho não gosta de ajudar nas coisas de casa ($\chi^2=9,33$; $g1=2$; $p<0,01$). Esta tendência é particularmente evidente entre sujeitos femininos. Inversamente, as crianças maiores atribuem com maior frequência à irmã mais nova a característica “gosta de ajudar nas coisas de casa” ($\chi^2=9,38$; $g1=2$; $p<0,01$).

— “Não faz as coisas sozinho” (irmão mais novo). A medida que crescem as meninas classificam com maior frequência o irmão mais novo nesta categoria ($\chi^2=7,78$; $g1=2$; $p<0,05$).

— “É diferente de você” (irmã mais nova). As crianças de 9 anos tendem a classificar a irmã mais

nova como diferente delas com maior frequência do que crianças de outros grupos etários. ($\chi^2=6,45$; $g1=2$; $p<0,05$).

C) Tamanho da família dos sujeitos

Observa-se a influência do tamanho da família dos sujeitos nas atribuições das seguintes características aos elementos de sua família:

— “Escolhe logo o que quer” (pai). Esta característica é atribuída ao pai com maior frequência entre os meninos de famílias maiores e inversamente, entre as meninas de famílias menores ($\chi^2=8,32$; $g1=2$; $p<0,02$); existe uma diferença significativa entre as respostas de meninos e meninas de famílias de quatro filhos ($\chi^2=6,94$; $g1=1$; $p<0,01$).

— “É diferente de você” (pai). Os sujeitos dos grupos de famílias de três filhos tendem a classificar o pai com maior frequência nesta categoria ($\chi^2=6,59$; $g1=2$; $p<0,05$).

— “Ajuda os outros” (sujeito). As crianças provenientes de família de três filhos são as que mais se classificam entre os que “ajudam os outros” ($\chi^2=9,21$; $g1=2$; $p<0,01$). Esta tendência é bastante acentuada no caso das meninas e entre as crianças de 5 anos em geral.

— “Gosta de ficar fora de casa” (sujeito e irmão mais novo). Os sujeitos de família menores (2 ou 3 filhos se classificam com maior frequência entre os que gostam de ficar fora de casa ($\chi^2=7,10$; $g1=2$; $p<0,05$). Idêntica tendência ocorre em relação às classificações do irmão mais novo: sujeitos de famílias de dois e três filhos afirmam com maior frequência que ele gosta de ficar fora de casa ($\chi^2=7,67$; $g1=2$; $p<0,05$).

— “Não é carinhoso” (irmão mais velho). Sujeitos de famílias de quatro filhos classificam com maior frequência o irmão mais velho entre os que não são carinhosos” ($\chi^2=11,46$; $g1=2$; $p<0,01$).

— “Briguento” (irmão mais novo). Meninas de família de dois filhos, que possuem um irmão mais novo, tendem a classificá-lo como “briguento” com maior frequência que sujeitos de outros grupos ($\chi^2=6,82$; $g1=2$; $p<0,05$).

— “Sempre inventa coisas novas para fazer” (irmão mais novo). Meninas de família de dois filhos, que possuem um irmão mais novo, tendem a classificá-lo na categoria “inventar coisas novas” com maior frequência que sujeitos de outros grupos ($\chi^2=16,34$; $g1=2$; $p<0,001$).

— “Se mexe bastante” (irmã mais velha). Aos cinco anos as crianças de famílias de dois e três filhos percebem com maior frequência a irmã mais velha como se mexendo bastante ($\chi^2=7,07$; $g1=2$; $p<0,05$).

De uma maneira geral, os resultados acima indicam que a idade parece ser um fator de grande influência sobre a percepção que os sujeitos têm dos elementos familiares. As principais diferenças nas percepções das crianças, em função deste fator são, em resumo, as seguintes:

— entre as meninas ocorre uma tendência progressiva com a idade a classificar pai e mãe como ativos (“se mexe bastante” e “faz as coisas depressa”). No item “se mexe bastante”, a mesma tendência é encontrada entre os meninos. Inversamente, à medida que aumenta a idade, as meninas se consideram como menos ativas (“se mexem pouco” e “fazem as coisas devagar”).

— Parece que aos cinco anos as meninas tendem a atribuir com mais liberdade ao pai e à mãe características não desejáveis, tais como “não ajuda os outros” e “quer ser sempre o primeiro em tudo”. Além disto, meninas de cinco anos apresentam uma percepção bastante positiva de si mesmas, tendendo a se auto-classificar com maior frequência que as meninas mais velhas nas categorias: “forte”, “corajosa” e nas dimensões relativas à atividade já mencionada.

— Entre as crianças de 5 anos de ambos os sexos encontra-se a tendência a se auto-classificar nas categorias “manda nos outros”, “escolhe logo o que quer” e “não briguento”.

— A percepção da irmã mais nova se altera em função da idade do sujeito, provavelmente porque as irmãs mais novas dos sujeitos de cinco anos são muito pequenas (têm no máximo quatro anos) sendo percebidas em geral como não participantes. Assim, aos cinco anos as crianças tendem a considerar a irmã mais nova como não competitiva (“deixa os outros serem os primeiros”), enquanto que aos nove anos tendem a classificá-la entre os que “querem sempre ser primeiros”. Paralelamente, os sujeitos de nove anos passam a perceber suas irmãs mais novas como assumindo características “tipicamente femininas”. É entre os sujeitos desta idade que elas são classificadas com maior frequência nas categorias “ajuda os outros” e “gosta de ajudar nas coisas de casa”. Em oposição, o irmão mais velho tende a ser categorizado por crianças de 9 anos como não gostando de ajudar nas coisas de casa e briguento (características típicas de figura masculina). Aos cinco anos esta tendência não ocorre.

Tais resultados podem ser explicados pela ocorrência de dois fatores simultaneamente: a) de um lado, o efeito da socialização sobre as percepções dos sujeitos, que faz com que passem progressivamente a perceber de forma estereotipada as pessoas dos dois sexos; b) de outro, o “crescimento” do irmão que está sendo avaliado. Considerando-se que, na amostra em geral, os irmãos das crianças de nove anos tendem a ser maiores que os irmãos das crianças de cinco anos, pode-se afirmar que características tipicamente femininas ou mas-

culinas vão sendo atribuídas aos irmãos à medida em que eles crescem.

Em relação à influência do fator sexo, observa-se uma tendência significativa das meninas a se classificarem com mais frequência que os meninos nas categorias “fraco”, “faz as coisas devagar” e “se mexe pouco”, tendência esta que aumenta com a idade, conforme já descrito. Paralelamente, os sujeitos femininos se classificam com maior frequência que sujeitos masculinos no item “gosta de ajudas nas coisas de casa”. Além disto, meninas tendem, principalmente aos nove anos, a perceber o irmão mais velho como diferente delas.

Para os meninos, as tendências mais significativas são no sentido de valorizar elementos de sexo masculino. Entre as respostas dos meninos encontra-se maior frequência de categorização do pai como carinhoso e do irmão mais velho como forte e corajoso. Meninos tendem a classificar a mãe como diferente deles com maior frequência que as meninas.

Finalmente, os resultados relativos à influência do tamanho de família do sujeito nem sempre são de fácil interpretação. Por exemplo, o fato de que crianças de famílias de três filhos tendem a se classificar mais frequentemente na categoria “ajuda os outros” não tem explicação imediata, embora o mesmo resultado tenha sido observado em pesquisa anterior (Graciano, 1976). Este resultado só pode ser explicado à luz de formulações teóricas sobre os efeitos do tamanho de família no auto-conceito da criança, que são, até o momento, inexistentes. Ainda em relação ao efeito do tamanho da família, cabe notar que nas categorias “briguento” e “sempre inventa coisas novas para fazer”, as meninas de família de dois filhos tendem a classificar seu irmão mais novo com maior frequência que meninas de famílias maiores. Por outro lado, é também nas famílias de dois filhos que as meninas se consideram mais fracas e medrosas. Em função disto, é possível hipotetizar que nas famílias de dois filhos (de sexos opostos) a menina tende a se desvalorizar em dimensões relativas a força e competição. Os resultados obtidos, no entanto, são insuficientes para confirmar tal hipótese.

Concluindo, os resultados sobre a influência do sexo, idade e tamanho de família dos sujeitos reforçam os dados anteriores que revelam a influência do estereótipo sexual na percepção que a criança tem dos elementos de sua família. Através desta análise fica claro que as percepções das crianças se transformam com a idade para refletir cada vez mais a imagem “típica” do homem e da mulher em nossa sociedade. Mais grave ainda, no entanto, é o fato de que estas estereotipias transformam de maneira drástica o auto-conceito das crianças, sendo que no caso das meninas observa-se claramente uma mudança do auto-conceito positivo aos cinco anos (que inclui características de força e atividade) para um auto-conceito negativo aos nove anos (que inclui características de fraqueza e passividade).

Estes resultados, melhor que quaisquer outros, denunciam o processo formal e informal de socialização das crianças como limitador das potencialidades de desenvolvimento social e emocional das meninas. É através da assimilação destas características ao seu auto-conceito que as meninas se tornam progressivamente mais inseguras, dependentes e submissas. Daí decorre uma série de opções na vida social e profissional que são em parte responsáveis pela situação inferiorizada da mulher em relação ao homem.

Percepção das figuras masculinas e femininas em geral

Para melhor compreender como a criança diferencia pessoas dos dois sexos, foram agrupadas as respostas relativas a todas as figuras femininas (incluindo mãe, irmãs e o próprio sujeito, quando do sexo feminino) e figuras masculinas (incluindo pai, irmãos e o próprio sujeito, quando do sexo masculino). Obtiveram-se, então, análises comparativas das percepções que meninos e meninas têm dos homens e mulheres em geral através de teste de χ^2 para duas amostras independentes.

Além disto, foi analisada a tendência das crianças para responder agrupando elementos exclusivamente masculinos ou femininos, em cada uma das trinta categorias de resposta: obteve-se um levantamento da frequência em que apareciam grupos com elementos de um só sexo, considerando-se entre estes grupos também os casos em que um único elemento aparecia em oposição ao resto da família. Assim, os grupos foram categorizados como masculinos ou femininos independentemente de estarem em oposição a um grupo misto (exemplo: pai, sujeito masculino e irmão de um lado; mãe, irmã e irmão de outro). As frequências obtidas para meninos e meninas separadamente foram comparadas, através do teste de χ^2 , com as frequências esperadas ao acaso para ocorrência de agrupamentos mistos, femininos ou masculinos. O cálculo das frequências esperadas levou em conta as probabilidades de ocorrência de todos os possíveis agrupamentos por sexo, nos diferentes tipos de famílias estudadas.

Os resultados dessas análises mostram que sujeitos masculinos e femininos diferem nas percepções que têm de figuras femininas e masculinas nas seguintes dimensões:

— Quem ajuda os outros? Os meninos tendem a classificar com maior frequência que as meninas figuras masculinas entre aqueles que “ajudam” ($\chi^2=12,56$; $g1=1$; $p<0,001$). Além disto meninos tendem a agrupar elementos exclusivamente femininos entre os que “não ajudam” ($\chi^2=7,77$; $g1=2$; $p<0,05$) embora esta tendência se inverta aos 9 anos de idade. Em oposição as meninas tendem a classificar só as figuras entre os que “não ajudam” ($\chi^2=29,29$; $g1=2$; $p<0,001$). Não há diferença em função do sexo do sujeito na classificação das figuras femininas, as quais aparecem em geral na categoria dos que “ajudam os outros”.

— Quem é carinhoso? Meninos atribuem esta característica a figuras masculinas com maior frequência que meninas ($\chi^2=12,52$; $g1=1$; $p<0,001$). Além disto, as meninas apresentam tendência a classificar grupos exclusivamente masculinos na categoria “não é carinhoso” ($\chi^2=32,22$; $g1=2$; $p<0,001$).

Não existe diferença por sexo nas atribuições desta característica a figuras femininas: crianças de ambos os sexos as incluem entre os que “são carinhosos”.

— Quem demora muito para escolher o que quer? Meninas tendem a atribuir esta característica a figuras masculinas com maior frequência que meninos ($\chi^2=2,74$; $g1=1$; $p<0,10$). Além disto, tendem a classificar grupos exclusivamente masculinos nesta categoria ($\chi^2=6,07$; $g1=2$; $p<0,05$).

— Quem gosta de ajudar nas coisas de casa? Meninos tendem a incluir as figuras masculinas entre os que “gostam de ajudar nas coisas de casa” e meninas tendem a incluí-las entre os que “não gostam de ajudar nas coisas de casa” ($\chi^2=17,64$; $g1=1$; $p<0,001$). Grupos exclusivamente femininos aparecem com alta frequência na categoria “gosta de ajudar nas coisas de casa” entre as respostas das meninas ($\chi^2=27,18$; $g1=2$; $p<0,001$). Grupos exclusivamente masculinos aparecem com alta frequência na categoria “não gosta de ajudar nas coisas de casa” entre as respostas de meninos ($\chi^2=20,76$; $g1=2$; $p<0,001$) e meninas ($\chi^2=94,09$; $g1=2$; $p<0,001$), indicando que esta característica é percebida como tipicamente masculina por crianças dos dois sexos. As figuras femininas em geral são classificadas homogeneamente na categoria “gostam de ajudar nas coisas de casa”.

— Quem é briguento? Meninas com maior frequência que os meninos tendem a perceber as figuras masculinas como “briguentos” ($\chi^2=6,99$; $g1=1$; $p<0,01$). Além disto, elas tendem a classificar grupos exclusivamente masculinos nesta categoria ($\chi^2=20,18$; $g1=2$; $p<0,001$). As figuras femininas foram classificadas como “não briguentas” com maior frequência, tanto por meninos como por meninas.

— Quem é corajoso? Meninos tendem a responder que figuras masculinas são corajosas com maior frequência que meninas ($\chi^2=19,02$; $g1=1$; $p<0,001$). Não há diferença de sexo na percepção de figuras femininas. Há porém uma tendência significativa a só incluir grupos femininos entre os que são medrosos, tanto nas respostas das meninas ($\chi^2=11,69$; $g1=2$; $p<0,01$) como nas respostas dos meninos ($\chi^2=65,78$; $g1=2$; $p<0,001$).

— Quem é forte? Meninos consideram as figuras masculinas como fortes com maior frequência que as meninas ($\chi^2=5,97$; $g1=1$; $p<0,05$). Além disto, meninos tendem a classificar grupos exclusivamente femininos como fracos ($\chi^2=98,07$; $g1=2$; $p<0,001$) e grupos exclusivamente masculinos como fortes ($\chi^2=24,36$; $g1=2$; $p<0,001$). As meninas também apresentam a

tendência a classificar apenas figuras masculinas como fortes ($\chi^2=19,09$; $g1=2$; $p<0,001$) e apenas figuras femininas como fracas ($\chi^2=7,06$; $g1=2$; $p<0,05$).

— Quem se mexe bastante? Os meninos tendem a classificar figuras masculinas nesta categoria com maior frequência que as meninas ($\chi^2=6,14$; $g1=1$; $p<0,05$).

— Quem é diferente de você? Meninas tendem a classificar figuras masculinas nesta categoria com frequência significativamente maior que os meninos ($\chi^2=4,29$; $g1=1$; $p<0,05$). Além disto, meninas tendem a classificar grupos exclusivamente femininos na categoria "tem o mesmo jeito que você" ($\chi^2=14,35$; $g1=2$; $p<0,001$) e grupos exclusivamente masculinos na categoria "diferente de você" ($\chi^2=27,18$; $g1=2$; $p<0,001$). Os meninos, inversamente apresentam tendência a classificar figuras femininas de modo geral na categoria "diferente de você" ($\chi^2=3,45$; $g1=1$; $p<0,10$). Também tendem a classificar grupos exclusivamente masculinos na categoria "tem o mesmo jeito que você" ($\chi^2=17,80$; $g1=2$; $p<0,001$) e grupos só femininos na categoria "é diferente de você" ($\chi^2=27,04$; $g1=2$; $p<0,001$). Estes resultados claramente demonstram que no item sobre identificação os sujeitos tendem a classificar como semelhantes as figuras do mesmo sexo que o seu.

Além dessas diferenças, apenas meninas tendem a atribuir a característica "quer ser primeiro em tudo" a grupos exclusivamente masculinos ($\chi^2=24,84$; $g1=2$; $p<0,001$) enquanto meninos atribuem a característica "não faz as coisas sozinho" a grupos exclusivamente femininos ($\chi^2=17,73$; $g1=2$; $p<0,001$). Houve tendência a classificar apenas grupos masculinos entre os "que gostam de ficar fora de casa" tanto nas respostas dos meninos ($\chi^2=8,77$; $g1=2$; $p<0,05$), como nas respostas das meninas ($\chi^2=10,47$; $g1=2$; $p<0,01$).

Em resumo, os dados indicam que meninos tendem a perceber figuras masculinas entre os que ajudam os outros, são carinhosos, gostam de ajudar nas coisas de casa, são corajosos, fortes e se mexem bastante. As meninas tendem a perceber as figuras masculinas entre os que não ajudam os outros, não são carinhosos, demoram para escolher o que querem, não gostam de ajudar nas coisas de casa e são briguentos. Observa-se que todas as diferenças entre percepções de meninos e meninas ocorrem em relação a figuras masculinas. Não houve nenhum item em que os dois grupos discordassem quanto à percepção de figuras femininas, as quais aparecem com características homogêneas. Observe-se também que a discordância entre meninos e meninas é sempre no sentido de que os meninos valorizam e as meninas desvalorizam as figuras do sexo masculino. O inverso todavia, não ocorre. A análise dos grupos exclusivamente femininos revela claramente que meninas, tanto quanto meninos, tendem a atribuir a mulheres características negativas tais como "fraca" e "medrosa",

Nenhuma característica negativa foi atribuída por meninos a grupos exclusivamente masculinos. Este dado deve merecer especial atenção pois mostra que meninos e meninas adotam a mesma ideologia em relação ao papel da mulher embora discordem em relação ao papel do homem. Em alguns itens, onde não foi constatada influência do sexo da criança na percepção de figuras masculinas e femininas, a caracterização estereotipada da figura feminina é também evidente. Todos os sujeitos tendem a classificar figuras femininas mais do que figuras masculinas entre aqueles que deixam os outros serem os primeiros ($\chi^2=3,72$; $g1=1$; $p<0,10$); fazem as coisas devagar ($\chi^2=8,14$; $g1=1$; $p<0,01$); e não mandam nos outros ($\chi^2=4,75$; $g1=1$; $p<0,05$).

Assim, pode-se dizer que as figuras masculinas são percebidas diferentemente por crianças dos dois sexos, sendo mais valorizadas em termos de características afetivas pelos meninos. As figuras femininas são percebidas igualmente por todas as crianças, que tendem a classificá-las como afetivas, fracas, dependentes e pouco ativas.

Os resultados relativos a percepções de figuras masculinas e femininas foram também testados para se verificar diferenças entre os grupos etários. Esta análise revelou que entre os meninos o aumento da idade está relacionado com o aumento de classificações das figuras femininas nas categorias: "ajuda os outros" ($\chi^2=12,38$; $g1=2$; $p<0,01$) e "gosta de ajudar nas coisas de casa" ($\chi^2=11,79$; $g1=2$; $p<0,01$). Assim, meninos entre 5 e 9 anos passam progressivamente a atribuir às figuras femininas funções de protetora e dona de casa. Na percepção de figuras masculinas, por outro lado, a idade só influencia as respostas dos meninos na categoria "não escolhe logo o que quer": meninos mais velhos tendem a atribuir mais frequentemente esta característica aos modelos masculinos ($\chi^2=9,79$; $g1=2$; $p<0,01$).

No caso das meninas, também se constatou influência da idade em relação à percepção de figuras femininas, as quais são progressivamente mais classificadas nas categorias "não escolhe logo o que quer" ($\chi^2=13,43$; $g1=2$; $p<0,01$) e "fraca" ($\chi^2=10,75$; $g1=2$; $p<0,01$). Há influência complexa de idade nos itens "se mexe muito" (no qual meninas de 7 anos classificam figuras femininas com maior frequência que meninas de 5 ou 9 anos; ($\chi^2=16,99$; $g1=2$; $p<0,001$) e "faz as coisas depressa" (no qual meninas de 7 anos classificam figuras femininas com menor frequência do que meninas de 5 ou 9 anos; ($\chi^2=6,97$; $g1=2$; $p<0,05$). Cabe notar, embora o resultado do teste estatístico não seja significativo que ocorre tendência inversa nas classificações das figuras masculinas: meninas de 7 anos e as de outros grupos etários são, porém, difíceis de interpretação.

Finalmente, constatou-se influência da idade nas classificações que as meninas fazem das figuras mas-

GRÁFICOS de 8 a 11

Os gráficos abaixo representam diferenças de frequências (em termos percentuais) entre as classificações das figuras femininas e masculinas em geral, em quatro ítems do TPS. Sujeitos do sexo feminino, subdivididos em três grupos etários (N = 90)

GRÁFICO 8 — Quem é forte?

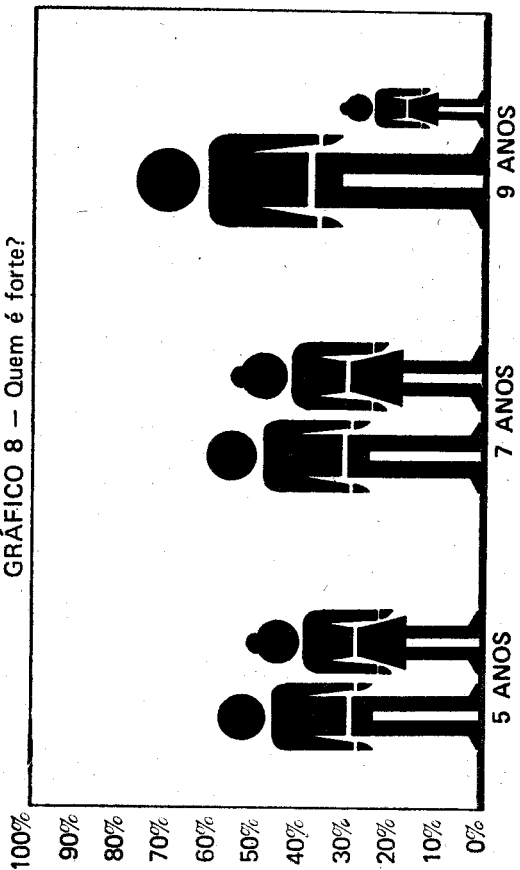


GRÁFICO 9 — Quem manda?

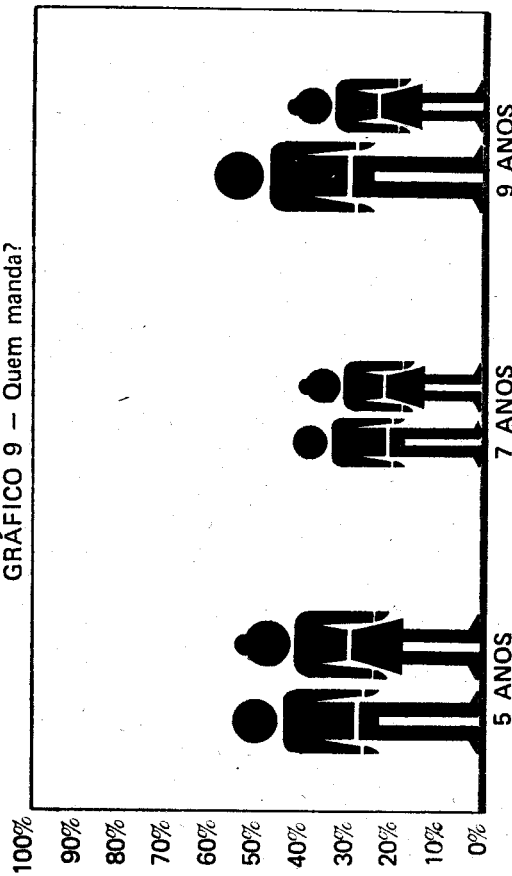


GRÁFICO 10 — Quem gosta de ficar dentro de casa?

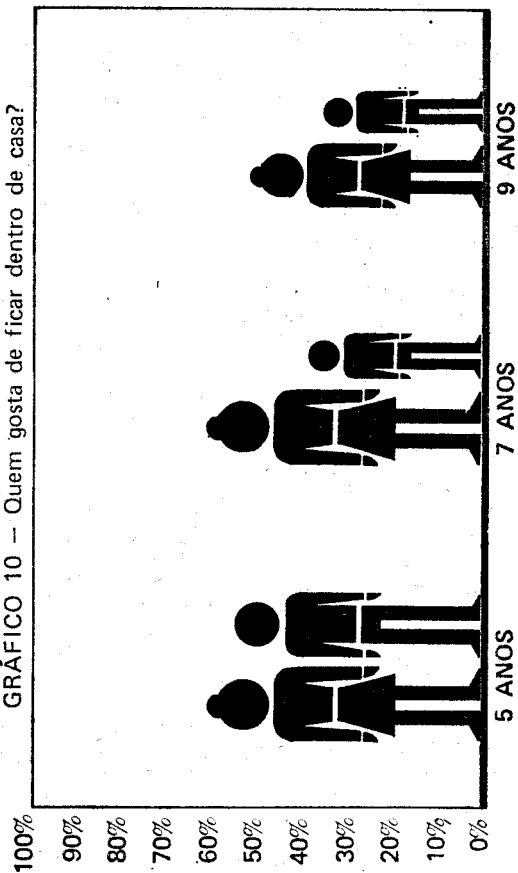
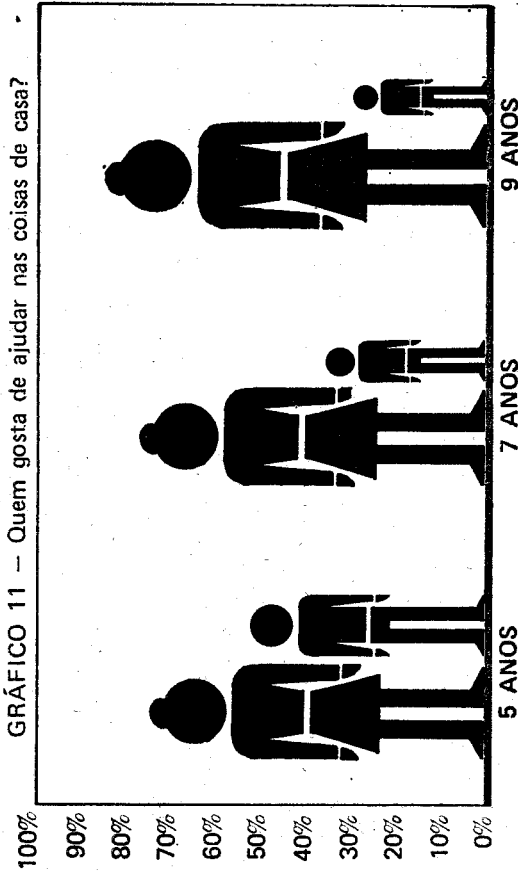


GRÁFICO 11 — Quem gosta de ajudar nas coisas de casa?



GRÁFICOS DE 12 a 15

Os gráficos abaixo representam diferenças de frequências (em termos percentuais) entre as classificações das figuras femininas e masculinas em geral, em quatro itens do TPS. Sujeitos do sexo masculino, subdivididos em três grupos etários (N=90)

GRÁFICO 12 — Quem ajuda os outros?

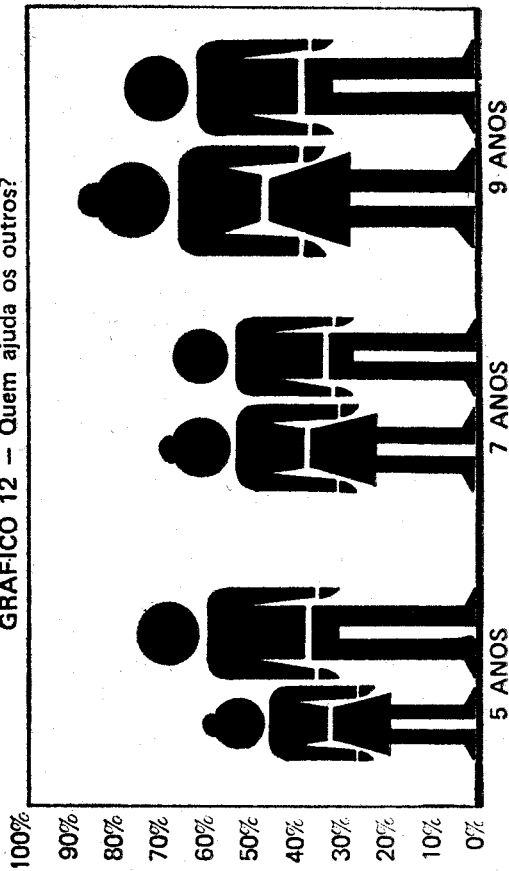


GRÁFICO 13 — Quem gosta de ajudar nas coisas de casa?

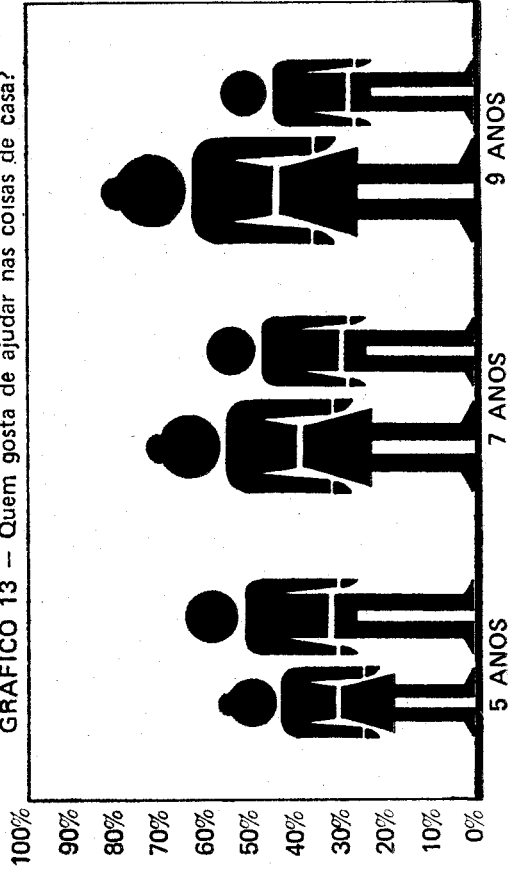


GRÁFICO 14 — Quem é corajoso?

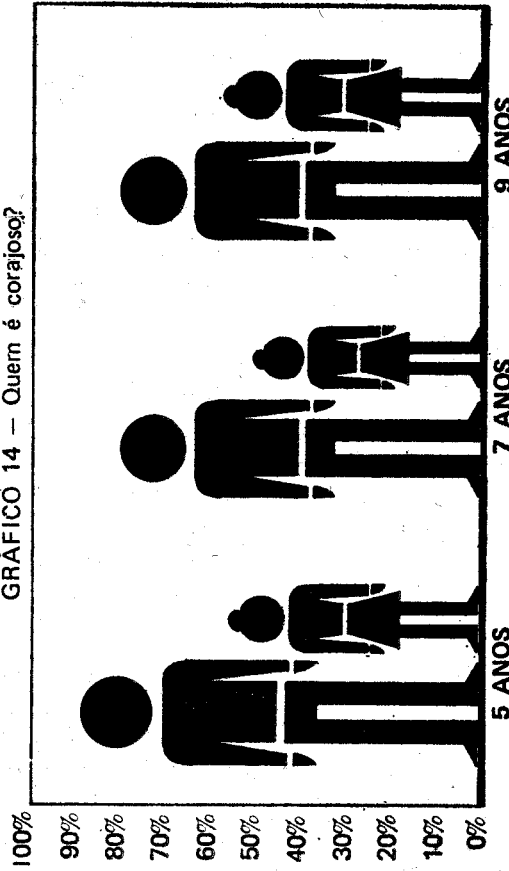
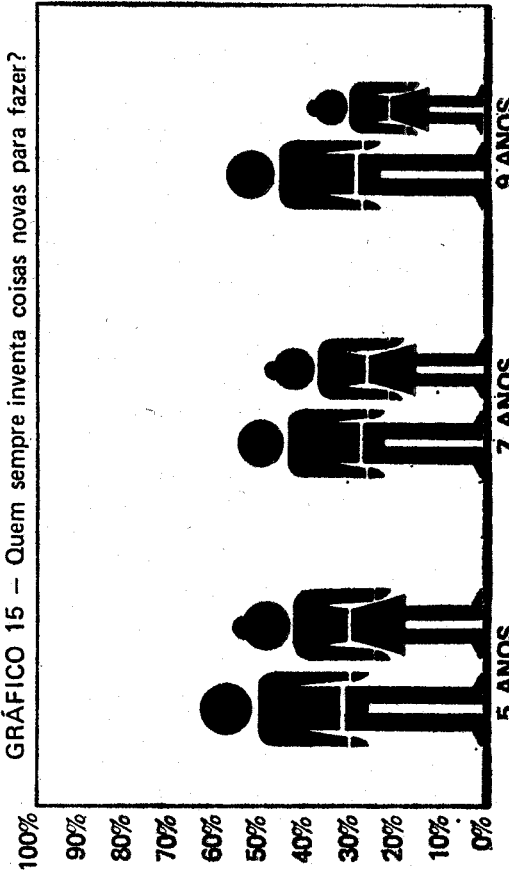


GRÁFICO 15 — Quem sempre inventa coisas novas para fazer?



culinas na categorias "forte" ($\chi^2=6,03$; $g1=2$; $p<0,05$) e "gosta de ficar fora de casa" ($\chi^2=8,42$; $g1=2$; $p<0,02$). Os homens são percebidos pelas meninas mais velhas como mais fortes e menos caseiros.

Diferenças entre as percepções de figuras masculinas e femininas estão ilustradas nos gráficos 8 a 11 (meninas) e 12 a 15 (meninos). Neles estão representados oito itens onde ocorrem estas diferenças, quase sempre progressivas com a idade. Os gráficos falam por si, mostrando como as percepções de figuras masculinas e femininas vão se distanciando com o aumento da idade das crianças, sendo cada vez mais claras as representações dos homens e mulheres "típicos", segundo os estereótipos propostos pela cultura.

Propostas finais

Pouco resta a dizer à guiza de conclusão. Todos os resultados apresentados levam à constatação simples e direta de que a percepção social e o auto-conceito das crianças são profundamente influenciados pelos estereótipos culturais: meninos e meninas se auto-definem e definem os elementos de sua família nuclear em termos de características consideradas típicas de cada sexo. Como a influência da socialização é progressiva, encontram-se entre as crianças de 5 anos percepções menos influenciadas por estereótipos, ao passo que estes estão inteiramente incorporados nas percepções de crianças de 9 anos. Fica então evidente que no período entre 5 e 9 anos ocorrem transformações fundamentais nas percepções de figuras femininas e masculinas.

Os resultados são de certa forma alarmantes no caso dos sujeitos femininos. Vê-se que, com a idade, elas progressivamente assimilam a seu auto-conceito características negativas, tais como passividade e fraqueza. Vê-se também que, assim como os meninos, elas vão progressivamente atribuindo as tarefas domésticas e o desejo de ajudar os outros às figuras femininas. Em oposição, os sujeitos masculinos em geral apresentam uma percepção valorizada de seu sexo. Não apenas se considerem progressivamente como mais fortes e corajosos que as meninas, mas também valorizam o pai em termos de características afetivas (consideram-no carinhoso e protetor).

As estereotipias se estendem também à percepção dos irmãos. Os resultados mostram que, em geral, os irmãos do sexo masculino são percebidos como mais fortes que as irmãs e estas, como mais carinhosas e caseiras que os irmãos.

Convém lembrar que as mesmas características diferenciais dos dois sexos são encontradas nas percepções

que os pais têm de seus filhos: na pesquisa citada no início deste trabalho (Silva, 1976) as meninas foram classificadas por seus pais com maior frequência que os meninos nos itens: "preocupa-se em ajudar os outros", "tem consideração pelos sentimentos alheios", e "interessadas na vida familiar". Os meninos em oposição, foram classificados com maior frequência que as meninas nos itens: "interessado em aventuras fora de casa", "competitivo" e "agressivo". Como já foi dito anteriormente, os resultados dessa pesquisa levaram à incorporação de vários itens ao TPS a fim de se verificar até que ponto as percepções de crianças e adultos seriam coincidentes. A partir da comparação dos resultados de dois estudos, pode-se dizer que são, na medida em que refletem a influência da ideologia dominante na cultura sobre papel sexual. Assim, fica aparente que os estereótipos afetam profundamente os conceitos que adultos e crianças têm sobre seu mundo social.

É desejável, portanto, que pessoas envolvidas no processo de educação formal e informal assumam a responsabilidade de evitar que estereótipos de papel sexual atuem de forma tão profunda nas percepções e auto-conceito das crianças. Isto é possível, por exemplo, através da introdução de imagens menos "típicas" nos livros de leitura, revistas e outros meios de comunicação de massa, e através de intervenções diretas na escola que busquem desenvolver na criança um auto-conceito amplo e flexível, permitindo-lhe optar livremente por diferentes tipos de papéis sociais ou profissionais. Evidentemente, a própria família deve ter uma função importante nesta intervenção, pois dentro dela os estereótipos são em geral mantidos e reforçados.

Finalmente, convém lembrar que o presente relato dos resultados da pesquisa é parcial, na medida em que alguns dados (tais como formação de sub-grupos, explicações oferecidas pelas crianças, etc.) não foram ainda analisados. A pesquisa também não foi capaz de fornecer respostas adequadas ao problema da identificação da criança com seus modelos parentais, porque os resultados do item incluído no teste para medir esse aspecto não são claros. Além disso, nada se pode concluir sobre nuances perceptuais das crianças, as quais poderiam explicar melhor estes processos, tal a quantidade de respostas em uma mesma direção, revelando estereotipias. Contudo, novos problemas foram levantados e parecem indicar que o auto-conceito da criança é afetado por variáveis como o tamanho e estrutura familiar, as quais são difíceis de serem explicadas teoricamente até o momento. Uma análise ampla e minuciosa dos protocolos individuais poderá, no futuro, oferecer uma visão mais clara do efeito dessas variáveis sobre o auto-conceito e as identificações das crianças com elementos da família nuclear.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. 1969. *Principles of behavior modification*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- BARROSO, C. 1977. "Diferenças sexuais" — *Cadernos de Pesquisa*, nº 21, p. 49.
- GRACIANO, M., SILVA, T., GUARIDO, E. e MONTORO, G. 1976. "Percepção social na criança, desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa" — *Cadernos de Pesquisa*, nº 18, p. 21-29.
- HUTCHINSON, B. 1960. *Trabalho e mobilidade*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.
- KOHLBERG, L. 1966. "A cognitive developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes" in Maccoby, E. (ed) *The Development of Sex Differences*. Stanford, Stanford University Press.
- LIVESLEY, W. e BROMLEY, D. 1973. *Person perception in childhood and adolescence*. New York, John Willey and Sons.
- MOWRER, O. 1950. *Learning theory and personality dynamics*. New York, Ronald Press.
- MOWRER, O. 1960. *Learning theory and the symbolic processes*. New York, John Willey and Sons.
- MUSSEN, P. e DISTLER, L. 1959. Masculinity, identification and father-son relationships. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59, p. 350-356.
- SILVA, T., GUARIDO, E. e GRACIANO, M. 1976. Estudo sobre estereótipos sexuais nas percepções dos pais em relação a comportamentos e atitudes de seus filhos. *Cadernos de Pesquisa*, nº 18; p. 51-19.
- WHITING, J. 1959. Socery, sin and the superego: a cross-cultural study of mechanisms of social control in JONES, M. (ed.) *Nebraska Symposium on Motivation*. Lincoln, Nebraska University Press.

[Recebido para publicação em abril de 1977]